



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ-PA
FACULDADE DE GEOGRAFIA**

GÉRSIO ANDREI SILVA DOS SANTOS

**IDENTIDADE TERRITORIAL RIBEIRINHA NA LOCALIDADE DE RIO TENTÉM,
CAMETÁ, PARÁ**

Cametá/PA

2024

GÉRSIO ANDREI SILVA DOS SANTOS

**IDENTIDADE TERRITORIAL RIBEIRINHA NA LOCALIDADE DE RIO TENTÉM,
CAMETÁ, PARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Geografia, Campus Universitário do Tocantins/Cametá, Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado Pleno em Geografia.

Orientador(a): Prof. Dr. Mário Júnior de Carvalho Arnaud

Cametá/PA

2024

**IDENTIDADE TERRITORIAL RIBEIRINHA NA LOCALIDADE DE RIO TENTÉM,
CAMETÁ, PARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado a Faculdade de Geografia, Campus Universitário do Tocantins - Cametá, Universidade Federal do Pará, para obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Mário Júnior de Carvalho Arnaud
Faculdade de Geografia/Campus Cametá/UFPA
Orientador

Prof. Dr. Rosivanderson Baia Corrêa
Faculdade de Geografia/Campus Cametá/UFPA
Avaliador Interno

Prof. Me. Valbeci Alves Cabral
PPGEO/UFPA
Avaliador Externo

DATA DE APROVAÇÃO: ___/___/___

Conceito: _____

CAMETÁ – PA
2024

DEDICO este trabalho:

À minha família: minha esposa Viviane de Jesus Rodrigues Duarte, que esteve comigo nos momentos felizes e mais difíceis, me apoiando e me esperando até tarde da noite durante eu escrevia este trabalho. À minha filha, meu maior bem, Amanda Sophia Duarte dos Santos, que chegou na etapa final dos meus estudos e tornou-se minha maior alegria. Sem dúvida, elas tornaram-se minhas maiores inspirações na realização desse trabalho, na finalização dos meus estudos e na continuação como profissional da área da educação.

Aos meus pais João Tenório dos Santos e Adazilma Silva dos Santos, meus primeiros educadores da vida e, até hoje, me ensinando com seus saberes e experiências de vida, sempre estiveram torcendo e me apoiando para que eu pudesse realizar meus sonhos e ver um dia eu me formar na maior Universidade do Norte do país.

Aos meus avós Janes Bastos da Silva e Ana Clara Garcia da Silva, que me acolheram em sua residência durante meus estudos na cidade de Cameté/PA, me fornecendo alimentação, conforto e bem-estar, bem como, me apoiando sempre, esperando um dia me ver formado. À minha tia Azileide Garcia da Silva, que me esperava todos os dias de volta das aulas e, só depois, poder se deitar e dormir.

Em memória de meu bisavô Prof. Jacinto Garcia, primeiro professor da Comunidade Ribeirinha de Tentém, e minha tia Nezita Silva Batista, minha primeira professora no Ensino Fundamental, acredito que ficariam felizes em ver mais um da família se formando na área da educação.

Enfim, aos ribeirinhos da Comunidade de Tentém, amigos, parentes, companheiros de longa data, sem dúvida, contribuíram muito, direto ou indiretamente, para que eu pudesse concluir este trabalho fornecendo dados e informações na minha pesquisa de campo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Deus, meu Senhor, Deus do Universo, pela força e coragem, por sua Luz divina e proteção, que mesmo nos momentos mais difíceis não permitiu que eu desistisse do meu sonho de vencer na vida e que nada pudesse fazer eu deixar de acreditar em mim e no meu potencial. Sem dúvida alguma, sem a providência divina não chegaria a concluir este curso e as etapas tão desafiadoras que me foram impostas, principalmente, na etapa final e escrita deste trabalho, onde tive que conciliar família, trabalho e estudo.

O ato de agradecer permite que corramos o risco de voluntária ou involuntariamente esquecer de alguém ou de algo. Mas, gostaria de agradecer a todos que direta ou indiretamente contribuíram para que conseguíssemos chegar até aqui, a contar desde o momento que me possibilitou entrar na UFPA, até os momentos de conclusão do curso de Geografia, bem como, para que este trabalho fosse concluído. Sendo assim, sinta-se presente neste ato, até mesmo, os que puderem lê este trabalho, pois, contribuirá com a difusão do conhecimento aqui exposto.

Aos meus familiares, pais, irmãos, avós, tios e primos por cada palavras e ações que provocou em mim o sentimento de incentivo. A minha esposa Viviane de Jesus pela compreensão nos momentos que tive que me ausentar da convivência dela e de minha filha para realizar as atividades acadêmicas, bem como, pela força e incentivos, pela compreensão da importância da realização deste sonho e, a cada momento simples, seja ao oferecer um copo de água ou uma xícara de café, ou mesmo, por cada carinho oferecido.

Aos meus colegas de faculdade por oportunizarem valorosos debates sobre a ciência geográfica, em especial aos colegas Arthur Leão Prazeres, Maria Tatiane da Silva Vieira, Larice Amorim Gaia e Raquel Corrêa da Silva, que ao longo do curso, acabaram por se tornar amigos e companheiros dos trabalhos acadêmicos e da vida, nos reunindo sempre em equipe que batizamos de “Os Patetões”.

Sou grato aos ribeirinhos da Comunidade de Tentém, pelos conhecimentos compartilhados e a sua receptividade e disponibilidade para responder aos nossos questionamentos.

Aos meus professores da graduação José Carlos da Silva Cordovil, Marcel Ribeiro Padinha, Edir Augusto Dias, Rosivanderson Corrêa, Ivamauro, Tabila Leite, Carla Braga, Arley, Franklin dentre outros, que deram sua parcela de contribuição criando espaços de diálogo sobre essa intrigante ciência chamada geografia.

Ao prof. Mário Júnior de Carvalho Arnaud, meu orientador, sem dúvida uma referência intelectual e pessoal, pelas valiosas orientações e compreensão.

Sou grato a todos!

É preciso olhar com todas as possibilidades de elucidação e explicação as faces de uma região que foi saqueada, ou de povos que foram expropriados de suas terras. A região, na sua constituição, os seus povos foram forjados. As possibilidades de que falamos é uma releitura. Não aquela já bem “tradicional”, se caracteriza a formação da Amazônia explicando a formação econômica como elo mediador das relações constituintes deste espaço regional (MÁRIO JÚNIOR DE CARVALHO ARNAUD, 2019).

RESUMO

Este trabalho, aborda sobre a identidade territorial dos povos ribeirinhos, tendo como objeto de estudo a Comunidade Ribeirinha de Rio Tentém, localizada no Distrito de Juaba, município de Cametá-PA. Sendo assim, buscou-se retratar a identidade territorial desse povo através de sua vivência no território, espaço geográfico onde os ribeirinhos expressam suas tradições, mantêm um modo de vida específico, que é expresso por meio de seus costumes, suas crenças, festas, dos seus saberes/fazer, das re-existências e da sua relação sociedade/natureza. A realidade vivida pelos povos ribeirinhos, determina de um modo ou outro a identidade territorial desse povo. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é analisar os elementos que construíram e determinam a identidade territorial dos povos ribeirinhos da Amazônia, mostrando como os mesmos expressam sua identidade territorial em uma área ribeirinha, no rio Tentém, em Cametá (PA) e, a partir desse estudo, contribuir com a formação da visibilidade ribeirinha. Como aporte metodológico, fizemos pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo na localidade, fazendo uso da técnica do questionário e entrevistas semiestruturadas, para comparar a teoria e a prática no estudo. Como resultados, vimos que a realidade vivida pelos ribeirinhos dessa comunidade está atrelado fortemente com o seu território de vida, ligação que se dar através das suas práticas culturais, econômicas e sociais, e isso, influencia diretamente na construção da identidade territorial desse povo.

PALAVRAS – CHAVE: Identidade territorial, Cultura, Povos Ribeirinhos, Cametá, rio Tentém

ABSTRACT

This work deals with the territorial identity of riverine peoples, using as its object of study the Riverine Community of Rio Tentém, located in the District of Juaba, in the municipality of Cametá-PA. The aim was to portray the territorial identity of these people through their experience of the territory, a geographical space where the river dwellers express their traditions and maintain a specific way of life, which is expressed through their customs, beliefs, festivals, knowledge/doings, re-existence and their relationship with society/nature. The reality experienced by riverside peoples determines, in one way or another, their territorial identity. The aim of this paper is therefore to analyze the elements that construct and determine the territorial identity of the Amazon's riverside peoples, showing how they express their territorial identity in a riverside area, on the Tentém river, in Cametá (PA) and, from this study, to contribute to the formation of riverside visibility. As a methodological contribution, we carried out bibliographical research and field research in the locality, using the questionnaire technique and semi-structured interviews to compare theory and practice in the study. As a result, we have seen that the reality experienced by the riverside dwellers of this community is strongly linked to their territory of life, a link that occurs through their cultural, economic and social practices, and this directly influences the construction of the territorial identity of these people.

KEYWORDS: Territorial identity, Culture, River peoples, Cametá, Tentém river.

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1 - Frutos colhidos por moradores na Comunidade Ribeirinha de Tentém	36
Tabela 2 - Fontes de recursos dos ribeirinhos no período de entressafra	43
Tabela 3 - Relação do tipo de embarcação que cada morador de Tentém possui	60

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização do município de Cametá/PA	27
Figura 2 - Mapa de localização da Comunidade Ribeirinha de Tentém	29
Figura 3 - Casa de um morador da localidade de Tentém, a palafita	34
Figura 4 - Coleta de açaí por moradores da comunidade ribeirinha de Tentém.....	38
Figura 5 - Manejo do açaizal, técnica ribeirinha para produção do açaí.....	41
Figura 6 - Remansinho em dia de apresentação na localidade de Tentém.....	47
Figura 7 - Carnaval das águas na Ilha Tentém e o Cordão Última Hora.....	52
Figura 8 - Rabetas atracadas em porto de morador e motor rabudo na ponte	59

LISTAS DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Ribeirinhos que pretendem (ou não) se mudar de Tentém?.....	32
Gráfico 2 - Venda de açaí na Comunidade Ribeirinha de Tentém	39
Gráfico 3 - Atividades de maior rentabilidade para os ribeirinhos de Tentém.....	42
Gráfico 4 - Sinal de internet nas casas dos moradores de Tentém	45

LISTAS DE SIGRAS E ABREVIACES

CC	Comunidade Cristã
CEB's	Comunidade Eclesiais de Base
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos recursos renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto de Colonizao e Reforma Agrária
PAE	Projeto de Assentamento Extrativista
PJ	Pastoral da Juventude
PNPCT	Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais
SECULTD	Secretaria de Cultura Lazer Turismo e Desportos
STR	Sindicato dos Trabalhadores Rurais
UFPA	Universidade Federal do Pará
UHE	Usina Hidroelétrica
UHT	Usina Hidrelétrica de Tucuruí

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
2 IDENTIDADE TERRITORIAL E GEOGRAFIA	15
2.1 A Identidade territorial no debate geográfico	15
2.2 IDENTIDADE TERRITORIAL RIBEIRINHA	21
2.2.1 Os ribeirinhos	22
2.2.2 Identidade territorial simbólica de pertencimento: o elo com o rio e as florestas	24
3 IDENTIDADE TERRITORIAL RIBEIRINHA NO RIO TENTÉM, DISTRITO DE JUABA, CAMETÁ/PA	27
3.1 CAMETÁ-PA, UMA CIDADE RIBEIRINHA: Os traços da identidade de um povo 27	
3.2 ENTRE RIOS E FLORESTAS: A Comunidade Ribeirinha de Tentém	29
3.2.1 Porque me chamo Tentém?	32
4. O MODO DE VIDA, SABERES, TERRITORIALIDADES E PRÁTICAS NA COMUNIDADE RIBEIRINHA DO RIO TENTÉM	33
4.1 Modo de vida e reprodução socioeconômica	33
4.2 A cultura ribeirinha na Comunidade de Tentém	46
4.3 Os saberes/fazeres dos Ribeirinhos da Comunidade de Tentém, Cametá/PA	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS	68
APÊNDICE A – Formulário de Pesquisa	72
ANEXOS A – Acordo de Pesca da Comunidade Ribeirinha de Tentém	81
ANEXO B – AUTORIZAÇÃO DO IBAMA PARA A ATUAÇÃO DE AGENTE AMBIENTAL NOS ACORDOS DE PESCA NA ILHA TENTÉM – CAMETÁ/PA	83
ANEXO C – LEI DE CRIMES AMBIENTAIS UTILIZADO PELOS MORADORES DE TENTÉM PARA FORMULAÇÃO DO ACORDO DE PESCA	84

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como linha de pesquisa o tema geografia, território e cultura. Partindo dessa análise, busca falar sobre a construção e expressão da identidade territorial ribeirinha por meio de sua cultura e modo de vida específico. Esse estudo, parte da problemática que envolve a invisibilidade dos povos ribeirinhos, que possui uma identidade territorial pouco conhecida aparecendo, às vezes, invisível na sociedade. Sendo assim, esse trabalho vem contribuir para a valorização cultural e territorial desse povo, como uma maneira encontrada de promover a formação da visibilidade ribeirinha em seu território de vida.

Mas, de que forma a análise da identidade territorial ribeirinha pode contribuir com a formação da visibilidade desse grupo social? Buscamos responder essa questão, acreditando que, mostrando os elementos determinantes da formação territorial e identitária dos ribeirinhos por meio das suas culturas e modo de vida específico pode ajudar na valorização social desse povo.

Portanto, o objetivo deste trabalho é analisar os elementos que construíram e determinam a identidade territorial dos povos ribeirinhos da Amazônia, mostrando como os mesmos expressam sua identidade territorial em uma área ribeirinha, no rio Tentém, em Cametá (PA) e, a partir desse estudo, contribuir com a formação da visibilidade ribeirinha.

O interesse na pesquisa surgiu pela importância de falar sobre povos tradicionais da Amazônia, em especial, os povos ribeirinhos, povo do qual faço parte. Abordar sua cultura, seu modo de vida particular, seus costumes, crenças e sua relação com a natureza é importante para que este povo seja visto com mais dignidade, visibilidade e possa exercer sua cidadania. É uma oportunidade de mostrar que o território ribeirinho é fruto de muitas lutas e re-existência ao longo da história, portanto, possui uma identidade muito valiosa e particular que precisa ser vista com mais respeito, importância e tratada com mais valor.

Buscamos por meio deste trabalho, identificar a realidade dos povos ribeirinhos por meio de sua vivência, costumes, culturas, tradições e sua relação sociedade/natureza. Enfatizaremos o território ribeirinho a partir de uma visão de poder simbólica de pertencimento, destacando os elementos que determinam a construção da identidade territorial ribeirinha como forma de valorização e visibilidade desse grupo social. Sendo assim, a palavra-chave é analisar para compreender, conhecer para valorizar. É analisando os povos ribeirinhos que a sociedade compreenderá sua importância, é conhecendo suas culturas e modo de vida que se valorizará sua identidade na construção de um território.

Sendo assim, o trabalho destaca a construção dessa identidade territorial formada por esse grupo social, buscando compreender as diversas formas de expressão dessa identidade

territorial formada a partir da construção do seu território de vida, analisando as formas que os ribeirinhos constroem seu território a partir de seu modo de vida peculiar. Um território que carrega as características de seu povo, ligado, diretamente, com os modos de vida, com os saberes/fazeresses sujeitos, com as suas culturas, festas, crenças, costumes, tradições etc. Tudo isso, são elementos que moldam o território ribeirinho, fazendo dele, um território diferenciado e criando, ao mesmo tempo, uma identidade particular que lhe é própria.

Analisando os elementos que determinam a identidade territorial do povo ribeirinho se compreenderá que esse povo possui uma identidade ligada diretamente com o seu território. Compreendemos que os povos ribeirinhos possuem uma identidade ligada diretamente com o seu lugar no espaço geográfico. Suas culturas, modos de vida, costumes, valores e crenças são elementos determinantes de simbologia territorial. São marcas da identidade criada por um povo que se faz presente em um espaço e dele se apropria, mantendo ali suas relações sociais com a natureza, configurando-se numa relação simbólica de pertencimento onde a apropriação se faz por meio do uso sustentável dos recursos, vivendo em total harmonia com a natureza.

Portanto, o presente estudo terá como foco esse povo, que possui uma identidade territorial bastante expressiva, marcante por um modo de vida específico, diferenciado por sua cultura, ideologia e costumes.

O trabalho tem como objeto de estudo a Comunidade ribeirinha de Ilha Tentém, localizada no Distrito de Juaba, município de Cametá-PA. Os moradores dessa localidade, através de sua vivência, mantêm essas relações de afetividade com o seu território, por meio da sua cultura, do modo de vida dos moradores, dos saberes e fazeres de seu povo, das suas festas e festividades, das suas crenças e tradições. Essas particularidades são carregadas por seus moradores através de um sentimento de pertencimento sobre aquele determinado território, espaço onde expressa a sua relação com a natureza.

Sendo assim, o povo dessa localidade constrói uma identidade territorial própria dos ribeirinhos, que é expressa a partir de suas manifestações culturais e modo de vida que estão diretamente atreladas com o espaço geográfico onde vivem.

Pudemos encontrar na comunidade, como forma de expressão cultural o banguê, o carnaval das águas, as danças regionais e folclóricas, as festas religiosas e etc. O modo de vida, é determinante pelas atividades sociais e econômicas voltadas ao regime dos rios e florestas como a pesca, a coleta do açaí, as moradias, comunicação e transporte, as festas, costumes e crenças etc. Todas essas particularidades, são elementos que constroem a identidade territorial desse povo nesta localidade.

De acordo com Souza, Souza e Veras (2019) para compreendermos a identidade das comunidades ribeirinhas na região amazônica, devemos ter conhecimento de suas culturas, do seu modo de vida, das suas territorialidades, conhecimentos e práticas do dia a dia. “É a partir do empírico e do concebido que se constituem a consciência de pertença socioespacial e as identidades territoriais” (SOUZA; SOUZA; VERAS, 2019, p. 48). Portanto, conforme esse entendimento, realizamos uma visita à lócus na comunidade ribeirinha Tentém, e a partir desse estudo, levantar um questionamento a respeito da identidade territorial desse povo, que pela maioria, são julgados como atrasados diante da sociedade moderna e globalizada, poucos valorizados em várias esferas sociais.

Para tanto, para chegarmos aos resultados obtidos, tivemos como aporte metodológico, inicialmente, a pesquisa bibliográfica, onde nossa fundamentação teórica partiu da perspectiva da identidade territorial, assim, discutimos identidade e território usando os autores Hall (2006, 2003); Cruz (2006, 2011b); Haesbaert (1999, 2004, 2007); Santos (1996, 1998); Lefebvre (1986) e Chelotti (2010). As contribuições de Souza et al (2019); Cruz (2011a, 2011b, 2012); Pompeu (2017) fundamentou nossa perspectiva teórica sobre identidade territorial ribeirinha. Os autores Viana (2017); Pompeu et al (2017); Rodrigues (2012) levou-nos para uma compreensão sobre o assunto no município de Cameté-PA.

Posteriormente, realizamos o trabalho de campo na localidade de rio Tentém, por meio do método de pesquisa de observação participante. Durante o trabalho de campo, fazemos o uso da técnica do questionário e entrevistas semiestruturadas com moradores, líderes religiosos, políticos e representantes de grupos culturais da comunidade ribeirinha de Tentém, com a finalidade de comparar a teoria e a prática no estudo.

Na parte inicial deste trabalho tratamos sobre a identidade territorial no debate geográfico, discutindo os conceitos de identidade e território e, levantando a discussão de uma ideia sobre a construção da identidade territorial. A próxima parte, trata-se de um discurso teórico sobre a identidade territorial ribeirinha, onde falamos dos povos ribeirinhos e de sua relação com o rio e a floresta, tal dinâmica, possibilita a construção de um território com valor simbólico e de pertencimento. Na terceira parte, falamos brevemente sobre o município de Cameté que se enquadra na categoria de município ribeirinho da Amazônia e, também, da comunidade ribeirinha de Tentém, destacando sua origem, nome, território e população. Por fim, na última parte, não menos importante, abordamos o resultado da pesquisa de campo, onde descrevemos e analisamos o modo de vida, saberes, territorialidades e práticas na comunidade ribeirinha do rio Tentém. Nessa parte, fazemos uma espécie de “raio x” da comunidade, onde falamos do modo de vida, reprodução socioeconômica, cultura e saberes/fazer do povo.

2 IDENTIDADE TERRITORIAL E GEOGRAFIA

2.1 A Identidade territorial no debate geográfico

A identidade é um conceito amplo que se refere à maneira como uma pessoa se percebe e é percebida pelos outros. Envolve aspectos pessoais, culturais, sociais e psicológicos que moldam quem somos. Para Hall a identidade é um conceito:

demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova. Como ocorre com muitos outros fenômenos sociais, é impossível oferecer afirmações conclusivas ou fazer julgamentos seguros sobre as alegações e proposições teóricas que estão sendo apresentadas (HALL, 2006, p. 08-09).

A identidade pode ser reformada por características como gênero, etnia, religião, orientação sexual, valores, interesses e muitos outros elementos que contribuem para a construção da individualidade de uma pessoa. Ela desempenha um papel fundamental na formação da autoimagem e na interação com a sociedade. Além disso, a identidade pode ser fluida e evoluir ao longo da vida de alguém ou de um povo, como os ribeirinho, que possui uma identidade própria que constrói sua imagem e estar em constante transformação.

Nossas identidades – em seu caráter mais ou menos múltiplo – são sempre configuradas tanto em relação ao nosso passado, à nossa memória e imaginação, isto é, a sua dimensão histórica, quanto em relação ao nosso presente, ao entorno espacial que vivenciamos, à sua dimensão geográfica. (HASBAERT, 2007b, p.33-4).

A identidade não é algo fixo, intrínseco ou natural, mas sim algo que é construído e moldado pelas interações sociais e culturais. Para Cruz (2011b, p. 154) “a identidade é uma construção histórica dos significados sociais e culturais que norteiam o processo de distinção e identificação de um indivíduo ou de um grupo”. “Um processo de construção de significados com base em um atributo cultural ou, ainda, um conjunto de atributos culturais inter-relacionados o(s) qual (ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significação” (CASTELLS, 1999, p. 22).

Hall (2003) introduziu o conceito de “identidade como processo” e enfatizou que a identidade é formada através de uma série de práticas discursivas e sociais. Ele dizia que a identidade é fluida e está em constante evolução, sendo moldada por fatores como a cultura, a linguagem, a história e as relações sociais. Assim, a “identidade é dinâmica, múltipla, aberta, contingente (...) algo em curso, em movimento, sempre se realizando” (CRUZ, 2011b, p.154).

Outra ideia de Stuart Hall, foi de que a identidade é uma questão de “*becoming*” (tornar-se), destacando que estamos constantemente em processo de nos tornarmos quem somos em relação às diversas influências culturais e sociais que nos cercam. Essa questão nos remete a pensar que a identidade não está limitada apenas à questão: “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios” (HALL, 2004, p.109).

Portanto, Para Cruz (2006) o conceito de identidade não deve ser confundido com o fato de originalidade ou de autenticidade, “pois os processos de identificação e os vínculos de pertencimento se constituem tanto pelas tradições (“raízes”, heranças, passado, memórias etc.) como pelas traduções (estratégias para o futuro, “rotas”, “rumos”, projetos etc)” (CRUZ, 2006, p. 31). Isso nos dá a entender, que “as identidades nunca são, portanto, completamente determinadas, unificadas, fixadas” (CRUZ, 2006, p. 31), elas são “multiplicamente construídas ao longo dos discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas. As identidades estão sujeitas a uma historização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação” (HALL, 2004, p. 108).

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Pois à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis. (HALL, 2006, p.13).

Portanto, a identidade não é algo pronto e acabado, pelo contrário, ela está sempre se moldando e se transformando ao longo do tempo, de acordo com as transformações ocorridas no espaço geográfico. Sendo assim, “[...] a identidade não é o que permanece necessariamente ‘idêntico’, mas o resultado de uma ‘identificação’ contingente” (DUBAR, 2009, p. 13). Seguindo essa linha de pensamento o autor afirma:

Nesse sentido a identidade não é considerada como algo que se constrói - um constructo pronto e imutável - e sim como algo que vai sendo construído. A identidade está sendo entendida, então, como algo em constante transformação que expressa uma condição de plasticidade. (POMPEU, 2017, p. 86).

Neste trabalho, devemos estar cientes de que não podemos falar em identidade sem nos referir ao território, o espaço onde se expressa a identidade de um povo. Em síntese e genericamente, o termo "território" se refere a uma área geográfica delimitada, geralmente associada a um país, estado, região ou comunidade específica. O território pode ser tanto um

conceito político como geográfico, e sua definição varia de acordo com o contexto em que é usado, pode ser um território político, geográfico, cultural ou simbólico.

O conceito de território tem aparecido ao longo do tempo e na maior parte das abordagens como “capaz de apreender uma das principais dimensões do espaço geográfico, a sua dimensão política ou vinculada às relações de poder dentro das diferentes perspectivas com que se manifesta o poder” (HAESBAERT, 2007b, p.36).

Santos (1996) discute o território como espaço de vida, ele via o território como um espaço onde a vida humana se desenrola, enfatizava que o território é muito mais do que uma área geográfica delimitada; é um espaço onde as pessoas vivem, trabalham, se relacionam e criam significados.

O território, ainda, está ligado ao poder como forma de controle sobre o território e, muitas vezes, é usado para exercer autoridade e influência, seja por governos, empresas ou outras entidades, por exemplo, uma comunidade (SANTOS, 1996). Outra visão de Milton Santos é o território como processo complexo que envolve interações entre aspectos naturais e sociais, ele enfatizava que o território é dinâmico e está em constante transformação.

Por fim, Santos (1988) via o território como **identidade**, para ele, o território é um elemento fundamental na construção de identidades culturais e sociais. Ele via o território como **um espaço onde as comunidades criam vínculos culturais e constroem suas identidades**.

Haesbaert (2004) destaca que o território não é uma entidade estática, mas um conceito relacional. Isso significa que o território não existe apenas por si só, mas é construído por meio das relações entre diferentes atores e grupos, sejam eles políticos, econômicos, culturais ou sociais.

Haesbaert (2004) enfatiza a coexistência de múltiplas identidades territoriais em um mesmo espaço. Isso significa que um território pode ser associado a diferentes grupos, cada um com suas próprias práticas e significados territoriais. Ele explora a importância dos territórios de fronteira, onde diferentes identidades territoriais se encontram e interagem. Essas áreas muitas vezes apresentam dinâmicas complexas de poder e identidade (HAESBAERT, 2004).

Raffestin (1993) argumenta que o território desempenha um papel central na construção da identidade de grupos e comunidades. As práticas e significados territoriais são fundamentais na formação da identidade cultural e social.

Ainda, segundo Raffestin (1993) introduz a ideia da "tríade da territorialidade", que consiste em três elementos interligados: local, ligação e marca. O "local" refere-se ao espaço físico, "ligação" envolve as relações e conexões entre lugares e o "marca" é a construção simbólica de significados no território.

Sendo assim, o lugar tem uma ligação muito forte com a identidade, pois lugar é o espaço concebido, o espaço de vida e de convívio, logo, se cria um laço de identidade e familiaridade. Bauman (2005) diz que pertencer a um lugar pode gerar um sentimento de identidade com aquele determinado espaço geográfico. Dessa forma:

lugar é a porção do espaço apropriável para a vida - apropriada através do corpo - dos sentidos - dos passos de seus moradores (...) assim o lugar é o espaço vivido/ conhecido/ reconhecido em todos os cantos. (CARLOS, 2007, p. 17).

A identidade pode ser fortemente influenciada pelo lugar, ou seja, pelo ambiente geográfico e cultural onde uma pessoa vive ou com o qual se identifica. As pessoas muitas vezes se identificam com uma região geográfica específica, como um país, estado, cidade ou até mesmo um bairro ou uma comunidade. A cultura, a língua e as tradições do lugar podem desempenhar um papel importante na formação da identidade, como “membros de uma comunidade, nos conectamos com o mundo por meio de lugares que geralmente possuem nomes ou uma identidade específica” (OLIVEIRA, 2012, p. 22).

Todo lugar tem culturas distintas que moldam a identidade das pessoas que vivem neles. Essas culturas incluem arte, cultura, música, culinária, tradições e valores que podem influenciar a forma como as pessoas se veem e se identificam. Essas “relações desenvolvidas com/no lugar faz com que se estabeleça um sentimento de pertencimento, ou seja, um vínculo afetivo entre os indivíduos ou grupos para com seus lugares” (VIANA, 2017, p. 33).

E mesmo que uma pessoa se mude para um outro lugar, continuará expressando sua identidade específica, porém, como toda identidade, ela vai se moldando de acordo com a realidade de vida, dessa forma, o lugar tem um papel importante e fundamental na construção da identidade.

O lugar onde alguém nasce e cresce pode ter um impacto duradouro em sua identidade, da mesma forma que um lugar onde uma pessoa passou a frequentar ou nele se estabelecer. A experiência de vida e as conexões formadas nesse local moldam a maneira como uma pessoa se vê. Portanto, desempenha um papel fundamental na formação da identidade das pessoas, pois influencia as experiências, as conexões culturais e as associações que contribuem para a construção da individualidade. A identidade é multifacetada e é influenciada por diversos aspectos do lugar onde alguém vive ou com o qual se identifica.

Assim, a **identidade territorial** é um conceito que se refere à conexão entre as pessoas, grupos ou comunidades e um espaço geográfico específico. Envolve a maneira como as pessoas se relacionam, se identificam e constroem um senso de pertencimento em relação a um lugar

ou território. Essa identidade territorial está intrinsecamente ligada à cultura, história, geografia e experiências vividas em um determinado espaço.

Santos (1988), discutia a relação entre espaço geográfico, cultura e identidade, enfatizando como as pessoas se relacionam com o território. Dessa forma, quando um indivíduo passa a se relacionar com o território e nele começa produzir ele está construindo sobre ele uma identidade territorial.

A construção da identidade territorial se dá por vários aspectos, incluindo:

Cultural: Refere-se às tradições, línguas, práticas culturais, crenças e valores associados a um lugar. A cultura desempenha um papel fundamental na construção da identidade territorial.

Histórica: A história de um território, incluindo eventos significativos, memórias coletivas e legados históricos, influencia a identidade territorial das pessoas que vivem nesse lugar.

Geográfica: A geografia do território, incluindo sua paisagem, clima, topografia, vegetação e ecossistemas pode afetar a identidade territorial, já que as pessoas muitas vezes se identificam com as características geográficas de seu espaço.

Social e Comunitária: As interações sociais, redes de comunidades e relações interpessoais em um território desempenham um papel importante na formação da identidade territorial.

Política: Questões políticas, como soberania, autonomia e governança local, também podem moldar a identidade territorial, especialmente em regiões que buscam independência ou autodeterminação.

A visão de Santos (1996) sobre identidade territorial era do “espaço vivido” um espaço onde a vida humana se desenrola e onde as pessoas vivem, trabalham, se relacionam, criam significados e vínculos culturais e constroem suas identidades.

Como já vimos anteriormente, o conceito de território na Geografia é multifacetado e pode ser abordado de várias maneiras, dependendo do contexto e das perspectivas teóricas. Envolve a relação entre espaço, poder, **identidade** e controle geográfico.

Haesbaert (2004) enfatiza a importância das relações de poder na construção da identidade territorial. Ele argumenta que o território é um campo de luta pelo poder, onde diferentes atores políticos, econômicos e sociais competem pelo controle e influência.

Nessa perspectiva teórica, a concepção de poder que aqui abordaremos para entender a formação dos territórios e das territorialidades não está limitada unicamente no sentido de

dominação (de base concreta), mas teremos como foco, a concepção de apropriação (de base simbólica).

Dessa forma, o território é a extensão espacial do processo de dominação ou apropriação de uma determinada área por um grupo social, delimitado por limites e fronteiras. Os povos ribeirinhos, por exemplo, assumem um poder sobre seu território no sentido simbólico de apropriação e de pertencimento àquele lugar, do que no sentido concreto de dominação. Lefebvre (1986) faz uma distinção entre o sentido de apropriação e dominação¹ de território. Segundo o autor:

O uso reaparece em acentuado conflito com a troca no espaço, pois ele implica “apropriação” e não “propriedade”. Ora, a própria apropriação implica tempo e tempos, um ritmo ou ritmos, símbolos e uma prática. Tanto mais o espaço é funcionalidade, tanto mais ele é dominado pelos “agentes” que o manipulam tomando-o unifuncional, menos ele se presta a apropriação. Por quê? Porque ele se coloca fora do tempo vivido, aquele dos usuários, tempo diverso e complexo. (LEFEBVRE, 1986, p. 411-412 apud HAESBAERT, 2007a, p. 21).

Assim sendo, o “espaço-tempo vivido” como diz Haesbaert (2007a) sobre um território por determinado grupo social, possibilita um sentimento de pertencimento sobre aquele espaço, criando, dessa forma, uma apropriação simbólica do território. O sentimento de pertencer e se identificar com aquele meio, acaba por criar uma identidade específica daquele povo com aquele espaço, dando origem a uma identidade territorial. Com ênfase a isso Chelotti afirma:

[...] as identidades coletivas na perspectiva territorial, construída a partir do significado (objetivo e subjetivo) e sentimento de pertencimento que cada grupo social expresso numa determinada porção do espaço geográfico (região, lugar, território) produzindo a chamada identidade territorial. (CHELOTTI, 2010, p. 173).

Nesse contexto, a identidade territorial é compreendida como a identificação do agente social com o seu território. Se constroem vínculos de afetividade e subjetividade, ocorrendo, portanto, laços de familiaridade com o seu espaço, que se manifesta através da convivência, do modo de vida, das crenças, dos valores, saberes e costumes do grupo em interação com o seu meio. É por meio desses fatores que se expressará a identidade de um povo, identificando e demarcando ao mesmo tempo seu território de expressão.

¹ A discussão aqui levantada sobre dominação e apropriação se baseiam nas ideias de Lefebvre (2006), onde ele discute que esses conceitos se estabelecem por meio de uma relação dialética. O primeiro diz respeito ao território pelo seu valor de troca (espaço concebido); o segundo ver o território por seus diferentes usos (espaço vivido), dessa forma, o território não é visto apenas como fonte de recursos, mas também, como algo simbólico que permite criar um sentimento de pertencimento dos indivíduos com aquele espaço onde vivem. É o caso do povo ribeirinho, que se apropria do espaço (território), nele cria símbolos que o identificam e, dessa forma, cria-se um elo com o espaço vivido, dando origem a um sentimento de pertencimento, logo, produz uma identidade territorial ribeirinha.

Partimos do pressuposto geral de que toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico, constituindo assim parte fundamental dos processos de identificação social. [...] De forma muito genérica podemos afirmar que não há território sem algum tipo de identificação e valorização simbólica (positiva ou negativa) do espaço pelos seus habitantes. (HAESBAERT, 1999, p. 172).

Dessa forma, a identidade territorial não é estática e pode evoluir ao longo do tempo, especialmente em resposta as mudanças nas condições sociais, culturais, políticas e ambientais. Essa identidade desempenha um papel fundamental na construção de um senso de pertencimento e na preservação da cultura e das tradições de uma comunidade em relação ao espaço geográfico que ocupa. É um tema central em estudos geográficos e socioculturais que explora as complexas interações entre as pessoas e seus territórios.

Entendemos, desse modo, que a identidade territorial se faz presente no modo de vida de cada grupo social e, é esta identidade própria e específica que faz com que cada povo se diferencie dos demais, cada um com sua particularidade e singularidade, é o caso dos povos ribeirinhos. “A identidade ribeirinha é uma identidade territorial por ser construída a partir de representações simbólicas e empíricas das comunidades sociais com o território” (SOUZA; SOUZA; VERAS, 2019, p. 47).

2.2 IDENTIDADE TERRITORIAL RIBEIRINHA

A pesquisa sobre identidade territorial ribeirinha muitas vezes envolve uma abordagem interdisciplinar que combina elementos da geografia, antropologia, sociologia e estudos culturais. Nesse trabalho, estamos interessados nas complexas relações entre as comunidades ribeirinhas e os rios, lagos e as florestas, elementos geográficos que definem a identidade territorial desse povo. A relação íntima que as comunidades ribeirinhas da Amazônia estabelecem com esses ambientes naturais e o uso sustentável desses recursos desempenha um papel fundamental na construção da identidade territorial ribeirinha.

Destacaremos as práticas culturais e as tradições das comunidades ribeirinhas, destacando como esses elementos são fundamentais para a construção da identidade territorial. Isso inclui aspectos como rituais, mitos, língua, atividades econômicas, religiosidades, modo de vida, sistemas de conhecimento locais (saberes/fazeres).

Abordaremos ainda, os desafios enfrentados pelas comunidades ribeirinhas, como a pressão por parte de atividades econômicas, a degradação ambiental, mudanças culturais e

espaciais que afetaram o modo de vida e os costumes desse povo, examinando como esses desafios afetam a identidade territorial e como as comunidades lidam com eles.

2.2.1 Os ribeirinhos

Segundo Souza, Souza e Veras (2019) o termo ribeirinho é utilizado para se referir àqueles que habitam as margens dos rios. “Eles não se definem como indígenas, nem como urbanos, são camponeses que escolheram o rio como meio de subsistência” (SOUZA; SOUZA; VERAS, 2019, p. 39). A respeito das comunidades ribeirinhas, “afirmam que estas são compostas em sua grande maioria por moradores que dividem o tempo entre agricultura e a pesca artesanal, sendo essa a sua maior fonte de proteína animal” (PRETRERE, 1992 e FURTADO, 1993 Apud SOUZA; SOUZA; VERAS, 2019, p. 39).

Os povos ribeirinhos mantêm uma relação muito forte com o seu espaço de vivência, se identificando com o seu meio e, dessa maneira, se familiarizando com seu espaço, reconhecendo-o como seu território no sentido simbólico de apropriação. É por esse sentido simbólico de pertencimento, que esses indivíduos acabam criando laços identitários com o território onde vivem, criando um elo entre o homem ribeirinho e a natureza.

Através do senso prático que compõe um ethos ribeirinho que, junto com um conjunto de simbologias, mitos e rituais associados à caça, pesca e atividades extrativistas, compõe uma matriz de racionalidade ambiental muito particular de uso-significado da natureza. (CRUZ, 2011a, p. 07).

Os ribeirinhos fazem parte de um grupo chamado de “povos e comunidades tradicionais” da Amazônia. Além dos ribeirinhos, outros povos se inserem nesse grupo como: os quilombolas, os indígenas, os seringueiros etc, apresentando uma cultura e um modo de vida próprio em seus territórios. Conforme Cruz (2012), a respeito de comunidades tradicionais afirma:

Se buscarmos a genealogia da emergência dos termos “povos e comunidades tradicionais” no léxico político e teórico brasileiro podemos localizar como momento decisivo o final da década de 1970 e início da década de 1980, mas é, sobretudo, no início dos anos 1990, com a consolidação da questão ambiental, que esses termos popularizam-se e, aos poucos, essas expressões foram sendo apropriadas por um conjunto mais amplo de grupos sociais, movimentos sociais, organizações não-governamentais, pela mídia, pela academia e pelo próprio Estado, que institucionalizou essas categorias na forma de legislação, direitos e políticas públicas. (CRUZ, 2012, p. 2).

Esses termos teriam surgidos por meio de dois campos: “o campo ambiental e o campo de lutas por direitos culturais e territoriais de grupos étnicos” (PAUL LITTLE, 2006 apud CRUZ, 2012, p. 2). Para Cruz (2012) foram nos debates internacionais sobre políticas de preservação e conservação ambiental que essas expressões começam a ser faladas e, nesse contexto, que surge o uso dos termos povos e comunidades tradicionais, que serviu para “nomear, identificar e classificar uma diversidade de culturas e modos de vida de um conjunto de grupos sociais que, historicamente, ocuparam áreas que agora eram destinadas à preservação e conservação ambiental” (CRUZ, 2012, p. 2).

Estão incluídos nessa categoria os Povos Indígenas; Quilombolas; Populações agroextrativistas (Seringueiros, Castanheiros, Quebradeiras de Coco de Babaçu); Grupos vinculados aos rios ou ao mar (Ribeirinhos; Pescadores artesanais; Caiçaras; Varjeiros; Jangadeiros; Marisqueiros); Grupos associados a ecossistemas específicos (Pantaneiros; Caatingueiro; Vazanteiros; Geraizeiros; Chapadeiros) Grupos associados à agricultura ou à pecuária (Faxinais; Sertanejos; Caipiras; Sítiantes-Campeiros; Fundo de Pasto; Vaqueiros). (CRUZ, 2012, p. 2).

Na Constituição Brasileira de 1988, o Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, da Presidência da República, institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, definindo estes como:

[...] Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição [...]. (Presidência da República. Casa Civil. Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007).

Conforme os parâmetros da PNPCT, os povos ribeirinhos por possuírem organização social própria, ocupar território e nele manifestar seu modo de vida, suas tradições, culturas, religiosidades, economia etc, se encaixam dentro dessa categoria.

Esse povo, ao ocuparem as regiões de várzeas e ilhas, foram denominados de “ribeirinhos” porque são grupos de pessoas que vivem em localidades próximas a rios. Os ribeirinhos vivem da pesca, de seus saberes/fazeres e da extração e comercialização do principal produto da região onde vivem: o açaí. A maioria habita moradias de madeira, várias delas feitas na forma de palafitas².

² Palafitas: tipo de moradia típica dos ribeirinhos, que são construídas sobre estacas de madeira para evitar que a casa seja inundada quando a água dos rios sobe no período das “cheias” (enchente da maré).

2.2.2 Identidade territorial simbólica de pertencimento: o elo com o rio e as florestas

Os povos ribeirinhos têm uma identidade muito rica, ligado diretamente com o espaço geográfico onde vivem, sendo assim, eles conseguem manter um modo de vida específico e particular. O rio, a floresta, em especial a floresta de várzea³, são os elementos que determina o território desse povo, dessa forma, cria-se uma relação de identidade com esse meio, que é expressa na sua cultura, nas tradições, nos saberes e fazeres, nos costumes e até mesmo na característica linguística.

É onde se entrelaça as tramas e dramas sociais que constroem a maneira de viver do ribeirinho com seus conhecimentos, fazeres e sociabilidades do dia a dia. E como espaço simbólico ele é a centralidade do fantasioso, invenção e produto das crenças, lendas, e mitos em conjunto com a floresta e o mundo das águas, estes são ambientes essenciais na construção cultural ribeirinha e logo, um importante referencial para a constituição da identidade deste povo amazônico. (SOUZA; SOUZA; VERAS, 2019, p..47).

Segundo Souza, Souza e Veras (2019) o rio e a floresta fazem parte do dia a dia dos ribeirinhos, simbolizando a vida dos que habitam nas suas proximidades. “O rio constitui a base de sobrevivência dos ribeirinhos, fonte de alimento e via de transporte, graças, sobretudo às terras mais férteis de suas margens” (SOUZA; SOUZA; VERAS, 2019, p. 39).

Assim, os ribeirinhos se identificam com esses elementos da natureza, criando uma relação de identidade com eles. Isso é visível, por exemplo, na cultura local como o “carnaval das águas” onde no próprio nome se faz uso desse elemento (água) para se referir a uma cultura específica do lugar. Outros exemplos podem ser dados ainda como na toponímia, assim, quando se refere aos nomes das localidades ou comunidades ribeirinhas elas sempre leva consigo algum termo relacionado ao meio natural, tais como: “rio”, “ilha”, “furo”, várzea (“Ilha” Tentém, “Ilha” Pacuí, “Ilha” Muruacá, “Rio” Mutuacá, “Rio” Mapiraí, “Rio” Pacovatuva, “Furo” do Lopes, Cuxipari “Furo” Grande, Beira da “Várzea”, “Várzea” São José e etc.).

O rio e a floresta são os elementos que norteiam o modo de vida ribeirinho, é daí que provém parte de sua fonte de alimentação e sustento, servindo ainda como meio de comunicação e locomoção, é onde estar presente as histórias, as crenças e mitos. Tanto a água como a terra possuem grande importância material e simbólica para que este povo se firme em seu território, é nesses meios que se formam os elementos constituintes da identidade territorial ribeirinha.

³ Florestas de várzea: é um tipo específico de floresta com terreno baixo e plano à margem dos rios, geralmente alagado, constituída principalmente de palmeiras.

Os ribeirinhos dependem tanto da terra quanto da água para seu trabalho, sendo baseado nas atividades de subsistência como a pesca, a agricultura, a extração de produtos florestais, a caça, a criação de animais domésticos, pequenos comércios e ainda pela extração da madeira, todas estas atividades necessitam e tem como norte o ciclo da natureza, pois é este que dita quando pescar, plantar e colher se existir uma enchente, por exemplo, grande parte de suas atividades ficam comprometidas. (SOUZA; SOUZA; VERAS, 2019, p. 40-41).

Da mesma forma, podemos nos referir às características linguísticas, onde se percebe um sotaque próprio, típico ribeirinho. Na comunicação é perceptível o uso de palavras e expressões típicas relacionadas com o habitat local, como por exemplo: “matagal⁴”; “ilhado⁵”; “boqueio⁶”; “gapuiá⁷”; “lançar⁸”; “mocoóca⁹”; “pachiba¹⁰”; “lançante¹¹”; “peconha¹²”; “peconheiro¹³”; “pofia¹⁴”; “meia maré¹⁵”; “vazante e enchente da maré¹⁶”; “motor de popa¹⁷”; “raza de açai¹⁸”; “paneiro¹⁹”; “debulhar²⁰”; “aguidá²¹”; “matapí²²”; “pari²³”; “corral²⁴”; bubuia²⁵, teteé²⁶, teité²⁷, “ilharga²⁸”, “pitiú²⁹” etc.

Tem ainda os ditados e provérbios ribeirinhos que fazem parte das conversas informais dos moradores, tais como: “Peixe gosta de minhoca fuleira no anzol”; “Mede-se o tamanho da

⁴ Matagal: quando o mato do terreno dos ribeirinhos está grande; capim alto; cerrado.

⁵ Ilhado: é usado quando alguém está sem nenhum meio de locomoção; sem nenhum transporte.

⁶ Boqueio: método utilizado na pesca do mapará; se refere a um bloqueio.

⁷ Gapuiá: método utilizado na captura do camarão.

⁸ Lançar: método de captura de camarão utilizando um paneiro.

⁹ Mocoóca: espécie de barreira contra a água do poço no ato da gapuia. É feito de barro e pedaços de madeira.

¹⁰ Pachiba: espécie de “ripão” feito do caule do açazeiro (palmeira do açai). Os ribeirinhos utilizam para construção de casas, pontes, casas para animais etc.

¹¹ Lançante: quando a água do rio sobe cobrindo todo o solo da várzea.

¹² Peconha: um objeto artesanal sobre o qual se usa para dar apoio aos pés do apanhador de açai quando este sobe na palmeira.

¹³ Peconheiro: expressão típica dos ribeirinhos usada para a pessoa que apanha açai; profissão de quem se dedica a coleta do fruto do açai.

¹⁴ Pofia: disputa ou corrida de casco, rabeta ou barco; um tipo de desafio.

¹⁵ Meia maré: expressão usada quando a água do rio não está alta nem baixa.

¹⁶ Vazante e enchente da maré: se refere quando a água do rio está baixando ou quando está subindo respectivamente.

¹⁷ Motor de popa: meio de transporte ribeirinho; rabeta com um pequeno motor movido a gasolina.

¹⁸ Raza de açai: usado para se referir à medida do açai; paneiro no qual se deposita o açai.

¹⁹ Paneiro: tipo de utensílio, o mesmo que a raza de açai, usado para depositar o fruto do açai.

²⁰ Debulhar: método de coleta do açai; retirar o fruto do cacho e colocar em um “paneiro”.

²¹ Aguidá: utensílio doméstico dos ribeirinhos utilizado para amassar o açai para retirada do vinho.

²² Matapí: tipo de armadilha para captura do camarão.

²³ Pari: tipo de paredão utilizado para fazer uma barreira, impedindo a passagem de peixes e camarão. É usado quando o pescador vai lançar.

²⁴ Corral: tipo de cercado pequeno. É feito para colocar os porcos dos ribeirinhos.

²⁵ Bubuia: ato ou efeito de bubuiar (boiar).

²⁶ Teteé: termo utilizado pelos ribeirinhos para se referir a alguém vagando sem direção ou sem algum objetivo. Exemplo: “aquele fulano estar andando ‘teteé’ pelo rio”, seria o mesmo que: sem nada pra fazer.

²⁷ Teité: termo utilizado pelos ribeirinhos para se referir a sensibilidade a alguém, substitui a palavra “coitado”. Exemplo: “teité, aquela criança estar sozinha”, é um modo de sentir pena de alguém.

²⁸ Ilharga: significa o mesmo que “ao lado”; “próximo”. Exemplo: “fique na minha ilharga, vou te contar algo”, que seria o mesmo que: fique próximo ou perto de mim; se aproxime de mim, quero contar-lhe algo.

²⁹ Pitiú: palavra que significa “cheiro ruim”. É usado muito pelos ribeirinhos para se referir ao fedor de peixes frescos.

traíra pelo movimento da água”; “Peixe magro não engrossa caldo”; “Mais escondido que caraçú em local de pedra”; “Peixe grande não nada na beira d’água”; “Quem tem pedra no miolo é pescada” etc.

Na Amazônia Tocantina, em particular no baixo curso do rio Tocantins, a linguagem (o modo de falar) é um dos principais traços que distingue a população ribeirinha, a linguagem do ribeirinho é um elemento de sua identidade [...]. (POMPEU, 2017, p. 88).

Os ribeirinhos também possuem conhecimentos, e esses conhecimentos, sem dúvida, fazem parte de sua identidade com o território. Muitos desses saberes é adquirido através das experiências de vida dos moradores e das necessidades que surgem, como forma de se adaptar no espaço e que são transmitidas para as gerações futuras, seja por oralidade ou pela prática.

Esses conhecimentos empíricos, é expresso por meio dos saberes/fazer do povo usados continuamente no seu dia a dia nas mais diversas tarefas, desde a mais simples como tecer um “paneiro”, confeccionar artesanatos, criar armadilhas para capturar peixes e camarão, às mais difíceis como construção de casas, embarcações, móveis, manejo do açai etc. Essas experiências e saberes é passada de pai para filho, mantendo uma tradição.

A tradição também é de grande importância para a organização territorial dos ribeirinhos por inserir atividades e/ou experiências das populações tradicionais e valorizar as representações simbólicas ao longo da história, experiência que é passada de pai para filho a cada ciclo. (SOUZA; SOUZA; VERAS, 2019, p. 45).

Por meio desses conhecimentos, esses indivíduos conseguem transformar seu espaço e ter uma relação cada vez mais forte com seu lugar. Podemos dizer, portanto, que tal conhecimento é usado como uma forma de resistência e permanência no seu território. A prática de seus saberes sobre o meio significa uma maior interação e intimidade com o seu espaço de convívio, possibilitando uma maior relação homem/natureza e, portanto, uma maior ligação com o território.

Portanto, o território adquire uma importância material para os ribeirinhos, é daí que eles retiram suas fontes de recursos e onde se reproduzem. O território adquire um forte valor simbólico e afetivo, pois é o espaço onde eles manifestam seus modos de vida e sua identidade. E, dessa forma, se constrói o território ribeirinho, “caracterizada por uma grande diversidade de modalidades de apropriação da terra e dos recursos naturais (apropriações familiares, comunitárias, coletivas)” (CRUZ, 2012, p.4).

3 IDENTIDADE TERRITORIAL RIBEIRINHA NO RIO TENTÉM, DISTRITO DE JUABA, CAMETÁ/PA

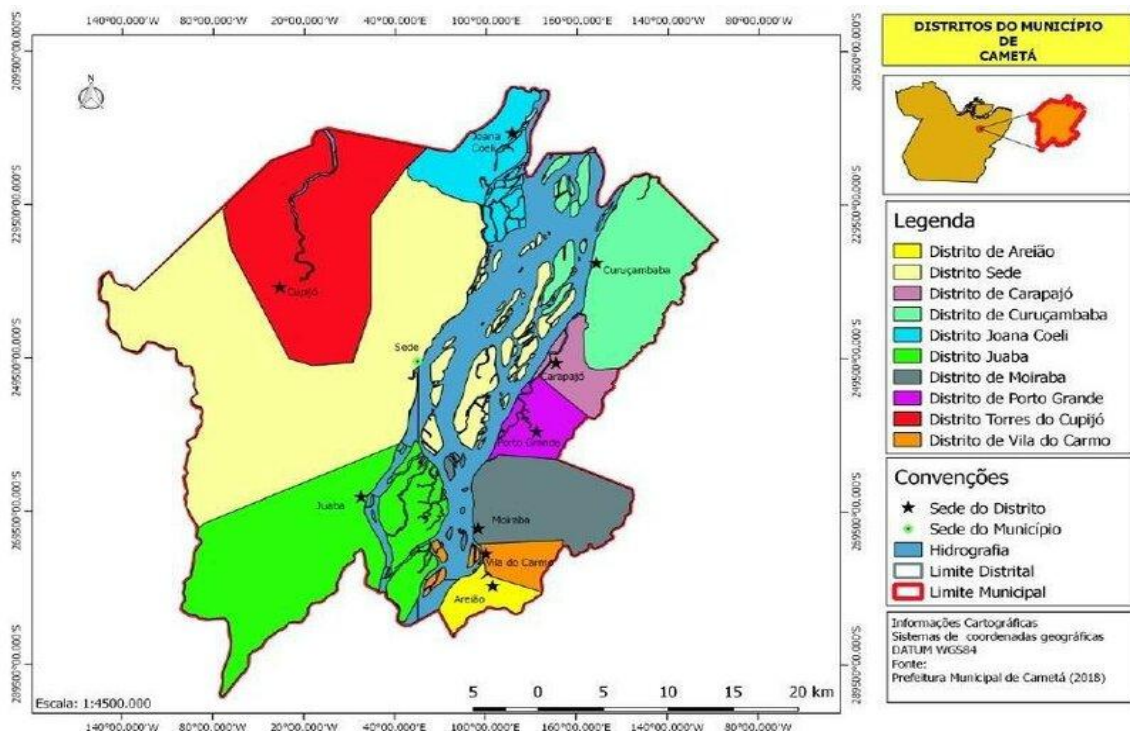
Neste capítulo discutiremos sobre os elementos que consideramos relevantes para a análise da construção da identidade territorial ribeirinha na Comunidade de Tentém. Iniciaremos essa reflexão tomando como ponto de partida a cidade de Cametá/PA enquanto um município ribeirinho da Amazônia, apresentando um breve histórico do mesmo e de sua ligação com o rio e a floresta.

Nossa análise se prosseguirá apresentando nosso lócus empírico, falaremos sobre a origem da comunidade de Tentém, a origem do nome, os modos de vida de seus moradores, os saberes/fazer, as suas manifestações culturais e as lutas e re-existência dos moradores ribeirinhos de Tentém em seu espaço de vida.

Abordaremos ainda, questões relacionadas a economia ribeirinha, tais como a atividade da pesca, a atividade de coleta do açaí e as demais atividades desenvolvidas pelos moradores dessa localidade, bem como, as mudanças sociais e culturais desse povo após a chegada do capital no campo, que foram responsáveis pelas transformações do espaço geográfico ribeirinho e que trouxeram inovações e tecnologias para o meio rural.

3.1 CAMETÁ-PA, UM MUNICÍPIO RIBEIRINHO: Os traços da identidade de um povo

Figura 1 - Mapa de localização do município de Cametá/PA



Fonte: Prefeitura de Cametá

Cametá, município localizado no Nordeste paraense, faz parte da região Intermediária de Belém e junto com os municípios de Limoeiro do Ajuru, Mocajuba e Oeiras do Pará, compõem a região geográfica Imediata de Cametá, com sede na cidade de Cametá/PA. Localiza-se a uma latitude 02°14'40" sul e a uma longitude 49°29'45" oeste, estando a uma altitude de 10 metros, englobando uma área de 3.081.367 km², limitando-se ao norte com o município de Limoeiro do Ajuru, ao sul com Mocajuba, a leste com Igarapé-Miri e a oeste com Oeiras do Pará (IBGE, 2022).

O município de Cametá possui uma população de 134.184 habitantes, onde maior parte vivem na zona rural. Estão distribuídas geograficamente em 10 distritos: Cametá, Areião, Carapajó, Curuçambaba, Joana Coeli, Juaba, Moiraba, Torres do Cupijó, Porto Grande e Vila do Carmo do Tocantins, possuindo uma densidade demográfica de 43,55 pessoas por quilômetros quadrado, sendo o 8º município mais populoso do Estado do Pará (IBGE, 2022).

A sede do município, a cidade de Cametá, é uma das cidades mais antigas do estado do Pará e do Brasil (388 anos) e desempenhou papel crucial na história da formação do estado do Pará e do Brasil, como no período da Cabanagem, quando chegou a ser capital da província. O município de Cametá é o mais antigo e tradicional dos baixos rios do Tocantins, pela sua importância histórica, seus inúmeros bens materiais e imateriais e com uma história interessante, Cametá passou a categoria de Patrimônio Histórico Nacional pela Lei n.º 7537, de 16 de setembro de 1986 pela sua notável tradição histórica.

Segundo a historiografia oficial, é originária do Sítio Camutá Tapera, quando em 1617, o Frei Cristovão de São José subiu o Rio Tocantins, a mando de Jerônimo de Albuquerque para reconhecimento e catequese dos índios Camutás, dando origem, em 1620 a povoação dos Camutás às margens do Tocantins.

Em 1633, Francisco Coelho, primeiro Governador do Maranhão, doou essas terras a seu filho Feliciano Coelho e em 24 de dezembro de 1635, este, ancorou sua caravela na primeira porção de terra firme da margem esquerda do Tocantins. Encontrou a tribo dos Camutás já pacificada pelo Frei Cristovão de São José e fundou a Vila Viçosa de Santa Cruz do Camutá, a primeira cidade no baixo Rio Tocantins. Em 1713 adquiriu conhecimento legal na categoria de Vila, em 1841 foi elevada à categoria de Comarca e, em 1848 à condição de cidade e sede do município com a denominação de Cametá, pela Lei Provincial n.º 145, de 24 de dezembro de 1848. Há mais de três séculos e meio, Cametá é um dos portos mais importantes do Pará.

Cametá apresenta uma paisagem híbrida, por conta de seu passado histórico, onde “podem ser observadas marcas de tempos pretéritos que retratam forte enraizamento cultural, coexistindo com temporalidades mais recentes” (VIANA, 2017, p. 50). Devido a isso, fortes

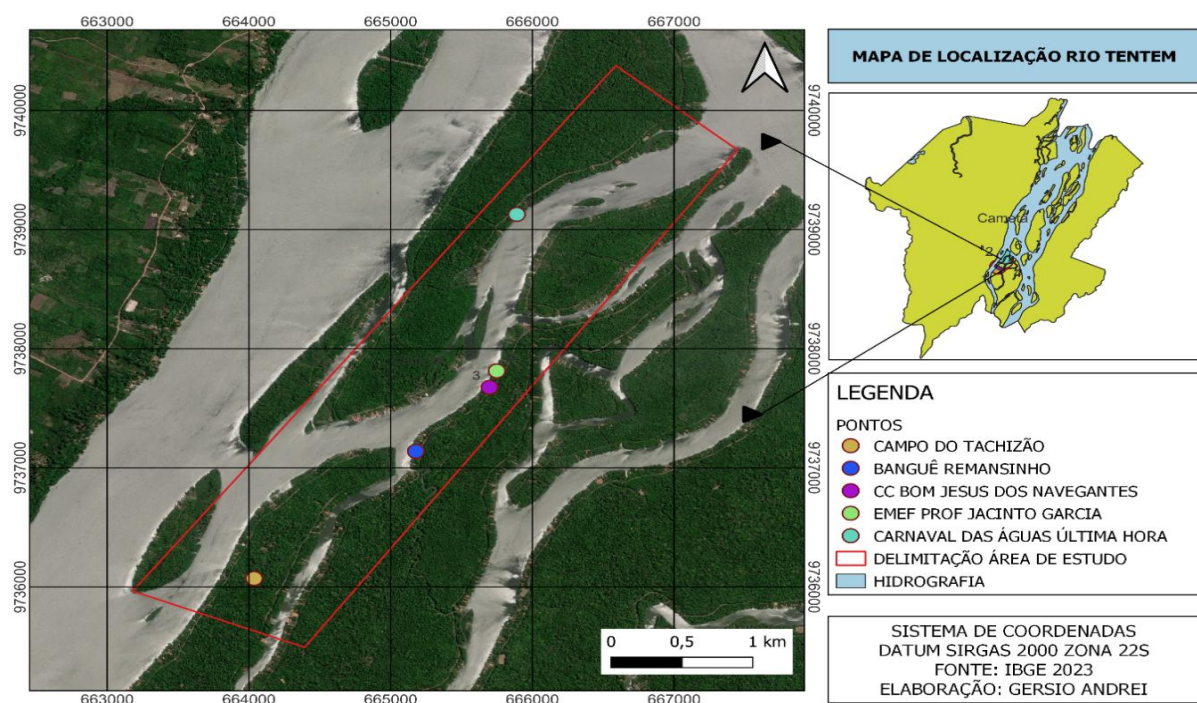
marcas da colonização ainda persistem, atualmente, na cultura do cametaense, uma dessas marcas, sem dúvida, é a relação com o rio e a floresta que desde a colonização até hoje, faz parte do estilo de vida dos cametaenses.

Desde sua origem, Cametá possuiu forte ligação com o rio e a floresta, seja por meio dos — ciclos econômicos vivenciados pela Amazônia (drogas do sertão, cacau, borracha, castanha e etc.), seja pela vivência cotidiana dos sujeitos sociais, que em geral imprimem (produzem) suas espacialidades a partir do contato com a natureza. (VIANA, 2017, p. 50).

O Rio Tocantins divide o território cametaense em duas porções de terras firmes, enquanto no meio do rio, se forma um complexo de ilhas, nessas centenas de ilhas cortadas por furos e igarapés vivem os ribeirinhos em suas comunidades ou localidades ribeirinhas. A maior parte da população cametaense é rural e tem uma economia voltada para os produtos do rio e floresta. Por isso, Cametá se enquadra na categoria de município ribeirinho da Amazônia, onde tem a sede localizado às margens do Rio Tocantins, possui uma forte ligação com os recursos extraídos desses meios, o que acaba impactando, de uma forma ou outra, o modo de vida desse povo. E não é apenas como fonte de recursos e locomoção, o rio já faz parte da identidade, é “o espaço de referência identitária” (CRUZ, 2011a), “por meio do qual o imaginário social se manifesta através das histórias, crenças, lendas, mitos e etc (VIANA, 2017, p. 50).

3.2 ENTRE RIOS E FLORESTAS: A Comunidade Ribeirinha de Tentém

Figura 2 - Mapa de localização da Comunidade Ribeirinha de Tentém



A Comunidade ribeirinha chamada de Ilha Tentém ou rio Tentém está localizada no município de Cametá-PA, há cerca de aproximadamente 15 km de distância, em linha reta, da sede do município, é umas das centenas de localidades ribeirinhas que fazem parte de um complexo de pequenas ilhas cortadas por furos e igarapés no meio do Rio Tocantins.

De acordo com as divisões administrativas do município de Cametá-PA, a localidade de Ilha Tentém pertence ao distrito de Juaba. “A constituição histórica da ilha do Tentém teve como base a criação de uma comunidade cristã no ano de 1976” (POMPEU; RODRIGUES; DAMASCENO, 2019, p. 176). Conforme outros estudos realizados nesta mesma localidade, apresenta os seguintes dados:

Segundo os pescadores, a comunidade teve início no ano de 1976 e possuía em torno de 30 famílias. Atualmente, é composta em média por 413 famílias, segundo dados do agente de saúde local. Ele contabiliza que essas famílias possuem o total de 1.731 pessoas, sendo 980 mulheres e 751 homens. Do total de habitantes, 867 são filiados ou associados a entidades representativas, associações e sindicatos, seja como pescadores, seja como trabalhadores rurais. (POMPEU; RODRIGUES; DAMASCENO, 2019, p. 176).

A Comunidade Ribeirinha de Tentém, também tem suas divisões geográficas, que foram criadas para facilitar a localização, já que a localidade é bastante extensa, sendo assim, a Comunidade de Tentém é constituída por Tentenzinho de Cima, Costa do Tentém, Tentém Grande e Japiím (Tentenzinho de Baixo), que juntas, formam a Comunidade Ribeirinha de Tentém.

Segundo os estudos feitos anteriormente nessa comunidade, vivem nessa localidade “aproximadamente 413 famílias, segundo dados do agente de saúde local, que acompanha a maioria das famílias na ilha” (POMPEU, 2017, p. 37). De acordo com Paula (2021) estimavam-se em torno de 1.700 pessoas, a maioria mulheres, onde muitos são “filiados ou associados a entidades representativas, associações e sindicatos, seja como pescador ou trabalhadores rurais, seja como professores e demais profissionais da educação” (PAULA, 2021, p. 50).

Segundo os novos Agentes Comunitários de Saúde e líderes da comunidade, atualmente, estima-se que vivem nessa comunidade cerca de 450 famílias, com uma população total de aproximadamente 1900 pessoas. Tendo como base o eleitorado dessa comunidade, Tentém possui 3 secções eleitorais que totaliza cerca de 1.063 eleitores aptos, de acordo com a última eleição no ano de 2022.

Para ter acesso a essa localidade, utiliza-se apenas o transporte fluvial, que dependendo do tipo de embarcação³⁰, leva em torno de 10 a 20 minutos tomando como referência a vila de Juaba. De Cametá para Tentém leva aproximadamente 40 minutos à 01 hora de viagem em embarcação própria. Já nos “barcos de linhas”, que nada mais é que uma espécie de transporte coletivo, os donos das embarcações cobram um valor por seu trabalho, levando passageiros dessa localidade até a cidade de Cametá, ida e volta, onde as viagens duram cerca de 1:30 a 2:00 horas de tempo.

O povo dessa comunidade tem uma relação muito forte com a natureza, mantendo contato diariamente com os rios e a floresta de onde conseguem os meios de sustento, comunicação e transporte. É o espaço, ainda, da cultura, da tradição, dos costumes sociais e onde se cria o imaginário amazônico por meio de seus mitos e lendas como a “cobra grande” que habita o Rio Tocantins, a “lenda do boto” que se transforma em homem para seduzir as mulheres dos pescadores, a “matinta perêra” protetora da floresta; o “lobisomem”, os contos e causos de “visagem”, entre outras, são relatos que permeiam junto às histórias de vida dos moradores dessa localidade e gera uma identificação desses meios com a comunidade. Sobre isso cita o autor:

A relação entre o homem cuja casa se firma à margem do rio e seu cotidiano envolve um relacionamento que vai muito além das questões de subsistência. A pesca, o uso de suas águas para consumo e a locomoção através da navegação não são as únicas coisas que permeiam está relação, mas as experiências sobrenaturais ou místicas envolvidas entre esses personagens como também sua identificação com o ambiente e a forma como se organiza em sociedade. (SOUZA; SOUZA; VERAS, 2019, p. 36).

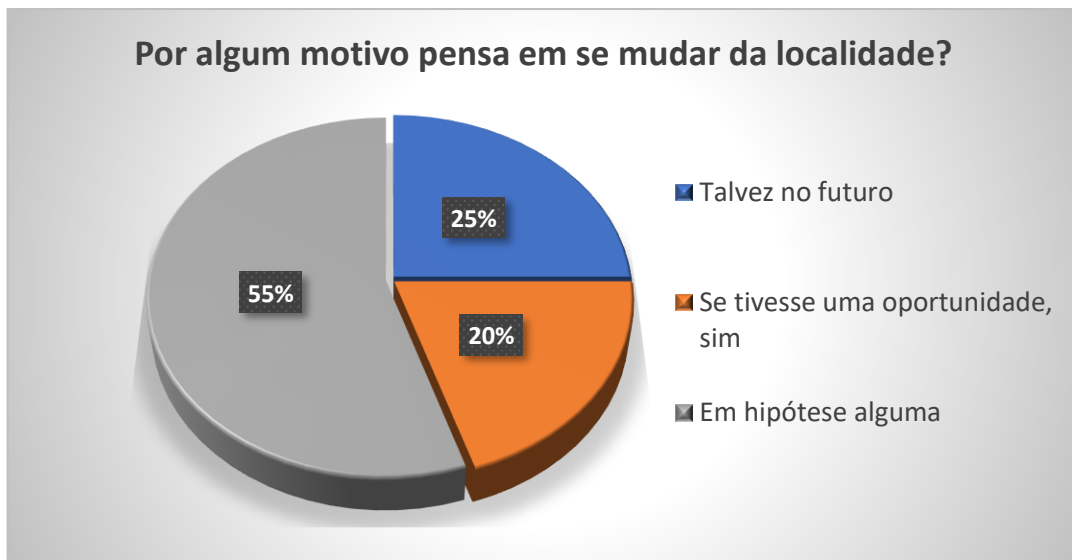
Na Comunidade de Tentém, pôde-se perceber que o rio e a mata é o ambiente determinante do modo de vida do povo desta localidade, faz parte da identidade dessa gente, manifestada por meio de seus costumes, conhecimentos, crenças e de suas culturas. É nesse meio natural que a população consegue a matéria-prima usado tanto para sua alimentação quanto para fabricação e construção de bens materiais que supre as suas necessidades.

A identidade dessa gente com seu território de convívio é algo marcante, o modo de vida e o cotidiano de cada um determina um sentimento de pertença e grande apreço por aquele

³⁰ Há diversos tipos de embarcações que os ribeirinhos utilizam para se locomover nos cursos do Rio Tocantins. As rabeta e barquinhas com motor na parte de trás, também chamado em algumas localidades de “motor de popa” são as mais utilizadas por serem mais prática e rápida. Nesse tipo de embarcação que variam de tamanhos e modelos, utiliza-se o motor rabudo, um pequeno motor movido a gasolina. Outra embarcação bastante utilizada são os barcos, barcas e lanchas, estes, já utilizam motores a diesel, utilizados para viagens mais longas e para carregar mais passageiros, como para cidade de Cametá. Outra embarcação que vem ganhando cada vez interesse da população é o rabetão (barcaça) que consiste em uma barca de tamanho maior que as rabetas, elas são equipadas com um motor de carro ou caminhão. Há ainda, outros tipos de embarcações utilizados pelos ribeirinhos.

lugar, que acaba se tornando parte de sua vida e de sua história. Cria-se uma grande relação de envolvimento entre o ribeirinho e seu espaço. A seguir, o gráfico mostra o resultado obtido por meio de uma pesquisa com 20 moradores de Tentém, onde a base da pesquisa foi a pergunta: Você pensa por algum motivo em se mudar da localidade?

Gráfico 1 - Ribeirinhos que pretendem (ou não) se mudar de Tentém?



Fonte: SANTOS, G. A. S. Gráfico elaborado a partir da pesquisa de campo na comunidade ribeirinha de Tentém, 2023.

De acordo com o gráfico acima, percebe-se que a maior parte dos entrevistados preferem ficar morando na localidade, essa preferência é, principalmente, dos mais antigos na localidade, que de algum modo, criou uma grande relação com o lugar e, por isso, é mais difícil para eles se mudarem para outros lugares. A escolha em permanecer no lugar, é ainda, pelo costume e o modo de vida adaptado nesse espaço e, também, pela tranquilidade e calma, sendo essa, a maior justificativa de permanência dada por essas pessoas.

Os que responderam (talvez no futuro e; se tivesse uma oportunidade, sim), tiveram como opção de mudança para uma cidade (Cametá ou Belém). A maior justificativa foi pelo motivo da necessidade de ter por perto e com mais facilidades serviços básicos como saúde, educação, saneamento e uma condição de vida melhor. Já os que responderam: (se tivesse uma oportunidade, sim), tiveram como justificativas maiores oportunidades de trabalhos e estudos.

3.2.1 Porque me chamo Tentém?

Conforme os relatos de alguns moradores locais, o nome dessa localidade denominada de “Tentém” se refere a um pequeno pássaro de nome “tentem” (*Eufonia violácea*) que é

bastante encontrado nesta localidade, pelo menos, naquela época. De acordo com Silva (2017) ao fazer um estudo sobre essa comunidade afirma:

Quando à origem do nome, segundo relato da moradora Rosivalda Pires Pinto (2017) de 73 anos de idade, que concedeu um breve histórico da ilha Tentém que, segundo ela, foi repassado à mesma pelo seu pai, já falecido, o senhor Domingos Pires. Tentém tem relação com um senhor chamado de Eder Brando, que deixou sua família para prestar serviço ao Exército Brasileiro, enquanto estava a serviço de sua profissão, aprendeu a tocar vários instrumentos musicais. Foi dispensado sem nenhuma gratificação. Partiu a procura de terra para morar, ancorou em uma ilha isolada e fez posse da mesma. Passou a compor músicas, o canto de muitos pássaros era fonte de inspiração. Para tanto, o nome Tentém teria surgido em função de grandes números de pássaros por nome popular tentém (eufonia violácea), que em certas localidades do Baixo Tocantins esse mesmo pássaro é conhecido como fim-fim, curiatã, gaturamo entre outros. (SILVA, 2017, p. 30).

Esta afirmação tem uma parcela de relação com o relato dado pelo morador e um dos líderes da CC de Tentém, o senhor Antônio Júlio, que contou que na época, quando vieram os primeiros moradores para esse lugar, encontraram quantidades desses pequenos passarinhos de coloração amarelo claro e azul escuro por essas redondezas, por isso, passaram a chamar o lugar pelo nome do pequeno pássaro.

A seguir, elencaremos alguns dos aspectos que fazem parte da identidade desse povo e que estão atrelados na sua maneira de vida.

4. O MODO DE VIDA, SABERES, TERRITORIALIDADES E PRÁTICAS NA COMUNIDADE RIBEIRINHA DO RIO TENTÉM

4.1 Modo de vida e reprodução socioeconômica

O modo de vida do povo de Tentém está relacionado com o seu território de vivência, é nesse espaço que eles se identificam como tal, expressando sua maneira específica de viver por meio de seus costumes, tradição, conhecimento etc. Sendo assim, eles dependem essencialmente da natureza, principalmente do rio e a mata de várzea, para conseguir seus meios de subsistência, comunicação e transporte.

Desse modo, “a vida cotidiana do ribeirinho se estabelece pelas relações constituídas com e através do rio e das florestas” (SOUZA; SOUZA; VERAS, 2019, p. 44). O rio e mata, em especial, a mata de várzea, simbolizam a vida dos que habitam nas suas proximidades, é daí que provém o meio de sustento, comunicação e transporte, mas também, segundo Souza, Souza

e Veras (2019) é o lugar do imaginário, onde se criam as mitologias amazônicas. Acerca disso pode-se afirmar:

[...] um espaço onde o imaginário tem lugar não com características de superstição, mas de valores que interferem na relação do homem com seu habitat, contribuindo para sua conservação [...] para os habitantes das margens dos lagos do Médio Amazonas existe a crença na “cobra grande”, uma imensa cobra que habita o fundo do lago, “existem várias delas”. “Ela tem dia, hora e lugar onde aparece e corre sobre as águas, antecipada por estrondos e espantos de aves e animais, e toda natureza dar sinal dela; vem sempre em noite de lua, ela persegue quem encontra, a gente há de não mexer com ela, se amoiatar longe das beiradas dos rios e dos lagos pra se protege dela”, dizia-me um pescador. (FURTADO, 2009, p.68).

Na Comunidade de Tentém, quase todos os moradores fazem uso de suas terras que são divididas por seus donos por meio de “divisas”, estas, pode ser de forma natural como um furo ou igarapé que corta o terreno, ou mesmo por uma árvore. Também pode ser artificial, feitas pelos próprios moradores através de uma “estaca” fincada sobre a terra ou uma cerca demarcando a divisa entre um terreno e outro.

Nesses terrenos, os ribeirinhos constroem suas casas em estilo chamado de palafitas, um tipo de moradia típico do povo ribeirinho. Essas casas são feitas predominantemente de madeira, sustentada por dezenas de estacas, sendo assim, elas ficam livres de alagamentos na época das enchentes, quando a água do rio invade toda a terra de várzea inundando o terreno dos ribeirinhos.

Figura 3 - Casa de um morador da localidade de Tentém, a palafita



Fonte: SANTOS, G. A. S. Trabalho de campo realizado na localidade de Tentém, 2023.

As palafitas é uma ótima forma de residência dos ribeirinhos, é ainda, uma estratégia e uma forma de adaptação que o povo criou para viver em um território que todos os anos é invadido pelas águas do Rio Tocantins durante a época das “cheias”, também chamado na comunidade de lançante, a maior delas, acontece nos meses de março e/ou abril. Ainda, é predominante as casas de madeiras, que são chamadas de “chalé” devido ao seu modelo. Porém, muitos moradores de Tentém já estão optando em construir suas moradias de alvenaria, que também tem uma estrutura sustentada por pilares de concreto, que substitui as estacas de madeira.

“Eu acho que é mais vantajoso a casa de alvenaria porque é uma coisa que é pra sempre, você não vai se preocupar em fazer mais, só ampliar e fazer algumas reformas. Já a casa de madeira não, tem que fazer a primeira casa, depois faz a segunda, às vezes, até a terceira, e hoje em dia, a madeira estão muito caras, uma casa de madeira sai quase o mesmo valor que uma de alvenaria”. (Ribeirinho W. P. M.).

As primeiras casas dos moradores de Tentém eram bem simples, feitas de madeira e coberta com palhas, algumas eram feitas até de pachiba de açazeiro e emparedada com miriti. Com o passar dos anos as moradias passaram a ter melhores condições para os residentes, novos modelos surgiram, feitas de madeira de lei, pintadas, com pátio e pontes, banheiro e cobertas com telha de barro ou brasilit e, quase sempre, com um varal na ponte que serve para estender as roupas dos moradores.

Não existe um documento oficial que aprove a posse dos ribeirinhos nessas terras. As ilhas são propriedades da marinha brasileira, porém, esses moradores se sintam “donos” dessas terras num sentido “simbólico de apropriação” como denomina Lefebvre (2006), é o sentimento de pertencimento que faz desse povo tomar posse desse território.

O INCRA se mobilizou em registrar essas terras, assentando várias delas, a comunidade de Tentém, conforme esse registro faz parte do Projeto de Assentamento Extrativista PAE Ilha Grande – Cametá, porém os moradores não tem nenhum documento que comprove aquele terreno” como sua propriedade.

A propriedade é constituída por meio da apropriação e do sentimento de pertencimento, é nesses terrenos que os ribeirinhos constroem sua história e seu patrimônio material, cada proprietário cuida bem do seu mato, roça, maneja seu açazal, zela com todo cuidado. Esse mesmo terreno futuramente será propriedades dos filhos, onde o pai ou responsável familiar divide as terras para cada um como forma de herança. Dessa forma, um mesmo terreno pode ser controlado por gerações de uma mesma família.

É nesse pedaço de terra, que passa de pai para filho, que os moradores conseguem extrair os produtos da natureza, como açaí, cacau, banana, ocaúba, andiroba, buriti, cajú, limão etc e realizar atividades de caça e extração de madeira.

Em entrevista com 20 moradores da comunidade ribeirinha de Tentém, foi perguntado quantos aos frutos colhidos na floresta de várzea. Foram obtidos os seguintes resultados:

Tabela 1 - Frutos colhidos por moradores na Comunidade Ribeirinha de Tentém

Fruto	Quantidades de moradores que colhem o fruto	% em relação ao total de entrevistados
Açaí	20	100%
Cacau	10	50%
Buriti	05	25%
Manga	07	35%
Coco	05	25%
Azeite	06	30%
Limão	07	35%
Jambo	03	15%
Banana	06	30%
Mamão	03	15%
Taperebá	01	5%
Murucí	04	20%
Cupuaçu	04	20%
Pupunha	01	5%
Cajú	02	10%

Fonte: Santos, G. A. S. Tabela elaborada a partir da pesquisa de campo na comunidade ribeirinha de Tentém, 2023.

Percebe-se, que o açaí é o principal fruto retirado da floresta, é o principal ainda, na obtenção de renda para os ribeirinhos dessa localidade, que comercializam e consomem a produção durante o ano. Outros produtos que são comercializados além do açaí é o cacau, onde é retirado a semente para ser comercializado ou vendido em forma de pão de chocolate. O azeite, teve época que também foi bastante valorizado, atualmente, só alguns moradores que ainda coletam para vender o fruto ou retirar o óleo, que pode ser para consumo próprio ou vendido. O limão, a banana, o buriti, a manga, o coco e o cupuaçu poucos são comercializados, é usado mais para consumo próprio dos proprietários e sua família.

O rio, sem dúvida é o principal elemento onde os cidadãos de Tentém mantêm contato. É aí que muitas famílias retiram seu alimento do dia como o mapará, a pescada, o tucunaré, o mandubé, a acaratinga, o jacundá, o camarão, entre outros. Além disso, é nesse meio que os moradores conseguem manter a comunicação e a locomoção através de seus barcos, rabetas ou canoas.

Tomamos como exemplo a atribuição do rio como espaço de referência da identidade amazônica, o rio é uma paisagem natural e essencial para a população ribeirinha por ser um local como fonte de recursos naturais (para realizar atividades de subsistência) e como meio para a locomoção [...] (SOUZA; SOUZA; VERAS, 2019, p. 47).

Como outras comunidades ribeirinhas, os moradores de Tentém tem como base de alimentação os frutos advindos dos rios e da floresta como peixes, camarão, açaí, entre outros, sendo estes, os meios de sustento da população. Dessa forma, a pesca e o extrativismo continua sendo a principal fonte de alimentação e de subsistência dos ribeirinhos. No período de abertura da pesca o movimento de pescadores e vendedores de peixes se intensifica no local, mesmo que hoje, não seja igual a tempos passados, onde a quantidade e diversidade de peixes eram maiores.

Atualmente, os peixes que são consumidos pela população local são provenientes tanto da comunidade, quanto de outros municípios, a maioria vindo de Tucuruí e do Amazonas, que são trazidos por barcos de pesca chamados de “geleiras” para a cidade de Cameté e de lá é distribuído para marreteiros, que revendem tanto para a população urbana, quanto para a população rural por um preço maior.

Felizmente, ainda tem o mapará, um peixe típico da região, que na época de abertura da pesca (março), movimentam o mercado cametaense e ajuda muitos ribeirinhos a conseguir uma fonte de alimentação e renda, sendo motivo de muita alegria e festa para essa população que valoriza muito os recursos da natureza.

Já no início do mês de agosto, começa no Tentém o período da safra de açaí, que se estende até novembro ou dezembro. Essa, sem dúvida, é a época mais esperada por um cidadão ribeirinho, principalmente aquele que depende essencialmente da coleta desse fruto e, também daqueles que não consegue resistir ao sabor incomparável do vinho do açaí, que acompanha em quase todas as refeições do ribeirinho.

No que tange ao aspecto econômico do lugar, a atividade do extrativismo do açaí é a mais significativa. A época desse fruto saboroso que faz parte do acompanhamento na mesa das famílias cametaenses é a partir do mês de agosto até dezembro. Nesse período da safra, o fruto é comercializado pelo próprio produtor em cidade e também na vila de Juaba aos domingos ou por compradores que vão buscar no porto da residência do produtor. (SILVA, 2017, p. 30).

Figura 4 - Coleta de açaí por moradores da comunidade ribeirinha de Tentém



Fonte: SANTOS, G. A. S. Trabalho de campo realizado na Comunidade Ribeirinha de Tentém, 2023.

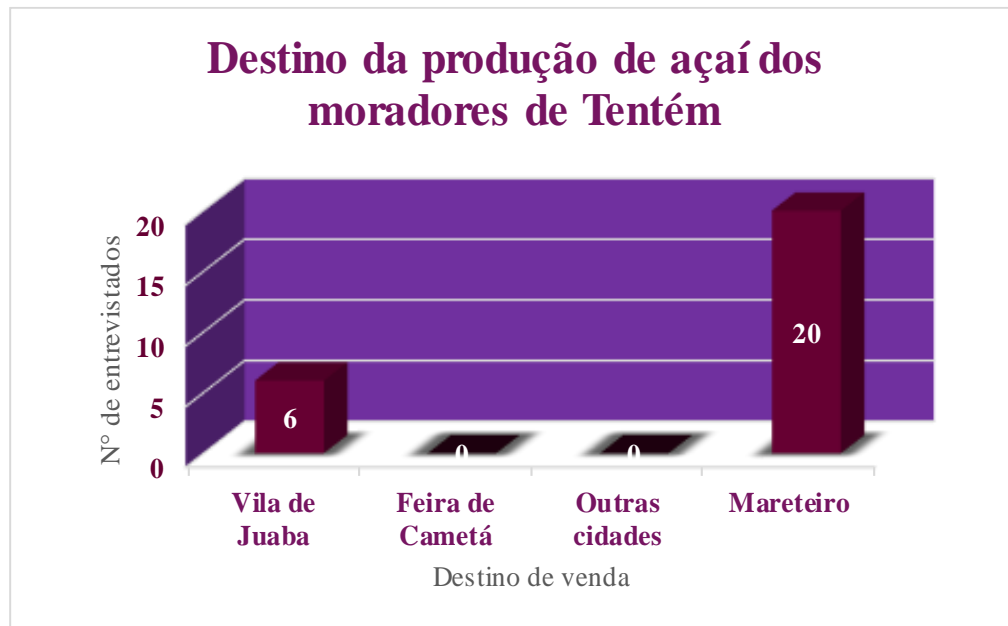
Nessa época, começa o período de grande movimentação do capital na comunidade de Tentém e outras vizinhas com a compra e venda do açaí. O destino do açaí dos moradores de Tentém, seguem vários rumos, alguns produtores preferem vender seus produtos na feira da vila de Juaba ou na feira de cidade de Cametá. Porém, a maior parte do açaí extraído na comunidade ribeirinha de Tentém é vendido para os marreteiros, que vendem para os atravessadores, que, por sua vez, comercializa com os donos de fábricas de açaí dos municípios de Cametá, Igarapé-Miri, Mocajuba, Abaetetuba e Tucuruí. Dessa forma, o sistema da comercialização do açaí acontece da seguinte forma: o produtor vende seu produto para o consumidor e/ou para o marreteiro; o marreteiro vende para as bateadeiras e/ou para os atravessadores e, os atravessadores vendem para as fábricas.

Sendo assim, o produtor que teve todo trabalho de manejar e limpar seu terreno, e muitas vezes, precisou gastar seu dinheiro para isso, vende seu açaí por um preço muito baixo. Além do preço baixo, precisa pagar o apanhador de açaí que cobra por seu trabalho, dessa forma, o produtor, por incrível que pareça, é o menos favorecido com a comercialização do açaí, pois além dele renumerar o trabalhador que apanha o açaí ele vende seu produto mais barato para os marreteiros.

Os marreteiros usam isso como ramo, eles trabalham para os atravessadores, comprando o açaí dos produtores e entregando para eles, recebendo em cada rasa ou lata de açaí em torno de R\$ 2,00. Já os atravessadores, recolhem essa grande quantidade de açaí de vários marreteiros, pesam cada lata, na qual deve pesar 14,5 kg, colocam em basquetas e levam para vender aos

donos de fábricas. Se observa, dessa forma, assim como no ciclo da borracha, um modelo de sistema de aviação, onde o trabalhador rural são os menos favorecidos nesse processo.

Gráfico 2 - Venda de açaí na Comunidade Ribeirinha de Tentém



Fonte: SANTOS, G. A. S. Gráfico elaborado a partir da pesquisa de campo na Comunidade Ribeirinha de Tentém, 2023.

Fazendo uma análise no gráfico, confirma-se o que foi exposto anteriormente, que a maior parte da produção de açaí dos produtores rurais de Tentém vendem seu produto para os marreteiros, fato que foi confirmado pelos entrevistados, onde todos disseram que vendiam para esses trabalhadores, que por sua vez, vendiam para os atravessadores. Alguns marreteiros também compram açaí para vender na Vila de Juaba, na feira da cidade de Cametá ou para outros municípios, como Mocajuba, mas são poucos, a maioria dos marreteiros entregam para os atravessadores, que vendem para as fábricas onde fecham o acordo.

A maioria prefere vender para os marreteiros porque é mais facilidade, muitos desses produtores não se dispõem em acordar de madrugada pra levar para vender na feira da vila de Juaba ou para Cametá. E mesmo, se todos esses produtores resolvessem levar toda sua produção para a vila de Juaba iria ter muito açaí na feira, o que afetaria no preço. Dessa forma, há um equilíbrio (produção, oferta e valor), hoje em dia, não é o produtor que determina quanto vai cobrar por seu açaí, é o mercado, e todo o processo de comercialização, das fábricas e dos atravessadores que entram neste processo e “controlam” o preço.

“O açaí ele tem mais valor quando ainda estar parau, a gente vende num preço bom, não tem a compra no porto, vendemos nosso produto e decidimos o preço. Mas,

quando começa a ficar preto já tem muito açaí, todo mundo já tem, assim, o preço do açaí desaba, de 50 ou 60 reais a lata do parau passa para 30 a lata. E do preto então! Cai pela metade! E daí o preço vai variando, acho que isso é controlado pela fábrica ou pelos atravessadores, tem vez que eles aumentam 3 reais, outro dia já diminui 2, e assim vai variando, até ir chegando o final da safra, é quando de novo o açaí vai aumentar de preço, mas já não tem mais açaí preto. Às vezes, quem ainda tem açaí, vende até por 100 reais a lata, mas é difícil, só pra quem tem disposição de ficar catando cachinhos e pra quem preparou bem seu mato”. (Ribeirinho E. S. P. M.).

Mesmo aqueles que disseram que vendem na vila de Juaba, estes também vendem para os marreteiros que vem buscar no porto de sua residência, ou seja, dividem sua produção. Durante a pesquisa, foi possível conversar com um dos marreteiros da localidade que disse:

“Eu começo a comprar açaí já no mês de abril pra maio, compro da localidade de Pacuí, porque lá começa logo a safra do açaí. Quando começa a dar açaí lá, por aqui pelo Tentém ainda não tem. Mas, no início da compra só compro açaí parau por que ainda não dar pra comprar do preto. Eu pago na lata do parau em torno de 50, 60 reais, conforme, isso varia de acordo com a quantidade, se tem muito, o preço é menor, se tem pouco açaí, o preço aumenta. Aí eu fico comprando do pessoal do Pacuí até começar a safra aqui no Tentém. Nesse início de compra eu levo pra vender na feira do Juaba, nos dias de semana e, principalmente, na feira de domingo, onde levo em maior quantidade, cerca de 20 a 30 latas, em dia de semana, eu levo 10 a 15 latas. No Juaba eu vendo por um preço maior pra eu tirar meu capital e meu ganho, quando eu compro a lata por 60 eu vendo no Juaba por 70, 80, as vezes até mais, conforme dar bom. Tem dia que dar muito açaí na feira, porque não é só eu que compro açaí pra vender, tem outros marreteiros que compram também pra vender no Juaba, e quando dar muito açaí “estraga” a feira e a gente acaba vendendo barato, mas, mesmo assim, dar pra tirar, é o que me mantém nesse período que ainda não tem açaí aqui no Tentém. Quando começa mesmo a safra aqui no Tentém eu paro de comprar no Pacuí e já compro do pessoal daqui, mas, já vendo para os atravessadores, que começam a comprar açaí para as fábricas. Eu ganho mais quando eu compro do Pacuí pra vender no Juaba, quando começo a vender para os atravessadores eu passo a ganhar apenas 2 reais por lata, isso é muito pouco, tenho que comprar muito açaí pra ganhar bem”. (Ribeirinho J. T. S.).

Nos meses de janeiro a junho o açaí fica bastante escasso na comunidade ribeirinha de Tentém, alguns moradores, quando fazem um bom manejo do seu mato, conseguem extrair o fruto apenas para o consumo, isso em pequena quantidade e “parau³¹”. Os moradores aproveitam esse tempo, depois da safra do açaí, para preparar seu terreno para próxima safra, sendo assim, a quantidade a ser extraído, depende do bom manejo do açaizal no período de entre safra. Portanto, nesses meses, os moradores começam a derrubada das árvores maiores

³¹ Parau: é a palavra usada pelos ribeirinhos para se referir ao fruto do açaí que ainda não estar completamente bom para a colheita. O açaí ideal para consumo, neste caso, é o açaí preto, quando o fruto já estiver no tempo para ser colhido e consumido. O açaí parau apresenta coloração roxo-escuro e verde, com brilho na superfície da casca e indica que ainda não estão no ponto ideal de colheita. No caso das comunidades ribeirinhas do município de Cameté e região, o açaí parau é consumido durante a entressafra, ou seja, na época em que os frutos estão escassos. Esse período também é chamado de “inverno” pelos ribeirinhos, que se refere a uma época de falta de açaí, muitos se refiram como um período de miséria. O verão, seria a época de muito açaí, a safra, período de fartura e abundância.

para dar espaços as árvores menores, além disso, esses moradores capinam e limpam bem seus terrenos, as palhas e os capins, junto com os caules dos açazeiros, formará com alguns meses, uma camada de húmus, que serve de adubo para essas terras, e que é importante para o desenvolvimento do açazal.

Figura 5 - Manejo do açazal, técnica ribeirinha para produção do açaí



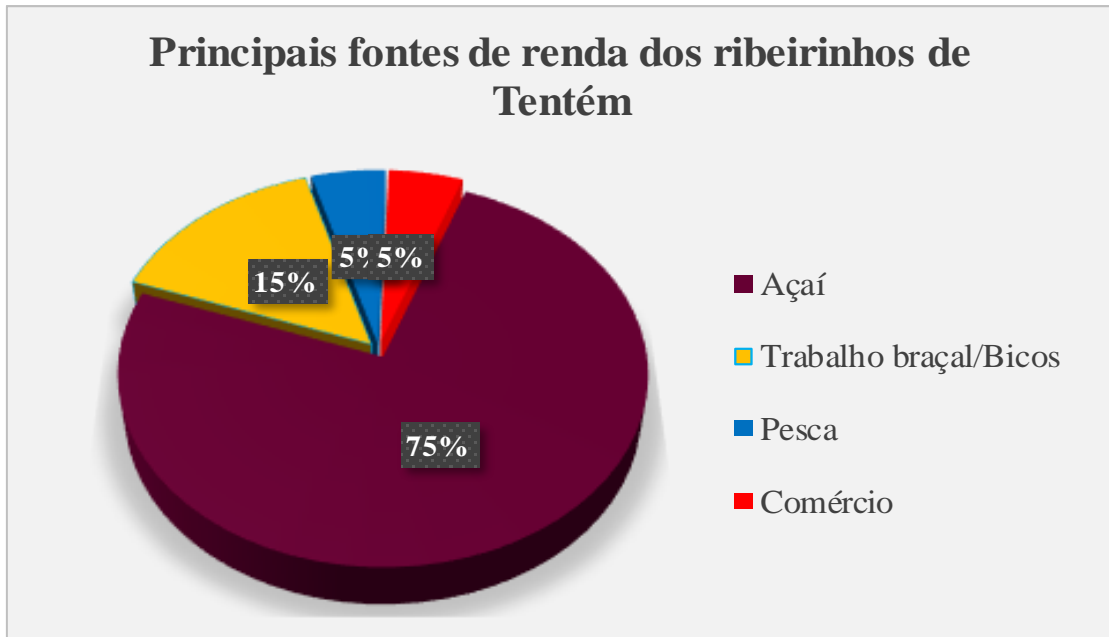
Fonte: SANTOS, G. A. S. Trabalho de campo na comunidade ribeirinha de Tentém, 2023.

O manejo do açazal é uma técnica tradicional bastante valorizada na região das ilhas, consistindo em um verdadeiro conhecimento agrônomo dos ribeirinhos para se obter bons resultados na época da safra do açaí, que no Tentém, começa em agosto.

Porém, o movimento desse produto bastante desejado pela população cametaense, começa meses antes de agosto. No Tentém, o açaí já começa a circular no mês de abril, quando os marreteiros de açaí da localidade vão buscar em outras localidades vizinhas como na Ilha Pacuí, onde a safra do açaí começa mais cedo. Esses marreteiros compram o açaí nessas localidades e revendem na Vila de Juaba e/ou para os moradores de Tentém por um valor muito alto, pois o produto está em falta.

O açaí, nessa época de janeiro a junho, tem um aumento gigantesco no seu valor, pois são os meses que menos circula o produto, consistindo assim, em uma verdadeira política de mercado chamado “lei da oferta e da procura”

Gráfico 3 - Atividades de maior rentabilidade para os ribeirinhos de Tentém



Fonte: SANTOS, G. A. S. Gráfico elabora a partir da pesquisa de campo na comunidade ribeirinha de Tentém, 2023.

Conforme a entrevista feita no trabalho de campo, mostrou que 75% dos entrevistados (15 moradores) possuem maior rentabilidade na atividade de coleta de açaí, tornando-se a principal atividade dos ribeirinhos, seguida da atividade braçal, que, segundo a pesquisa, é a principal fonte de renda para 3 moradores (15%).

“Outras atividades que se destacam em pequena quantidade é a criação de peixe em poço, além de porco (suíno), pato e galinha” (SILVA, 2017, p. 30), que complementa a renda dos ribeirinhos de Tentém junto com o açaí, o trabalho de seus saberes/fazeres, a pesca e etc. E como citado anteriormente, na Comunidade Ribeirinha de Tentém, não é só os produtos advindos do extrativismo vegetal e animal que movimenta a economia, também é possível encontrar açougue e vários comércio e mercadinhos, dessa forma, os moradores já encontram com facilidade alguns produtos que antes eram muito difíceis de consumir nesta localidade devido ao difícil acesso a eles. Essas comercializações é fruto da entrada do capital no campo, que começa a transformar o espaço ribeirinho.

Em algumas famílias a alimentação diária é complementada com alimentos industrializados, não é necessário elas irem às cidades vizinhas fazer a compra, algumas vilas tem um pequeno comércio que vende até fiado para pagar no outro mês, porém com preço bastante elevado em relação aos preços da cidade devido ao custo de seu transporte. Nem toda a população possui barco, porém a maioria dos donos dos barcos costumam ter este pequeno comércio. Há também os barcos de linha que fazem o transporte de passageiros em dias determinados e também revendem alimentos e outros produtos vindos da cidade, quando seus empregados compram alimentos é descontado no seu salário. (SOUZA; SOUZA; VERAS, 2019, p. 41).

Vale ressaltar, que as mudanças no hábito alimentar dos ribeirinhos foi consequência das transformações no espaço geográfico por meio das interferências do homem sobre o território, como a construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí em 1984. Segundo os relatos dos moradores da localidade de Tentém, após a construção da barragem muitas espécies de peixes sumiram, outros, se tornaram bem escassos na região. Dessa forma, os moradores se viram obrigados a procurar outras formas de ramo para se manter e, com isso, outros tipos de alimentação surgiram.

Segundo Pompeu (2017) a construção da UHT acarretou mudanças no modo de vida dos pescadores, tais mudanças impactou significativamente a formação da identidade dos pescadores da comunidade de Tentém, “uma vez que desproveram os mesmos de muitos dos seus saberes” (POMPEU, 2017, p. 40), que lhes fornecia “um conjunto de representações sociais em comum que possibilitam aos homens se integrar a uma esfera coletiva” (RODRIGUES, 2012, p. 140).

Atualmente, a economia de sustento dos moradores da comunidade ribeirinha de Tentém não gira em torno apenas do extrativismo e da pesca, muitos moradores, dependem predominantemente dos programas do governo para se manter, principalmente nos períodos de entre safra, que é o tempo que acaba o açaí, a principal fonte de renda familiar dos ribeirinhos.

Economicamente vivem, em sua maioria, das rendas “de programas e benefícios do governo federal como seguro defeso, bolsa família, bolsa verde, auxílio maternidade, aposentadoria pelo trabalho de pescador, trabalhador rural ou invalidez etc. (POMPEU, 2017. p. 42).

Tabela 2 - Fontes de recursos dos ribeirinhos no período de entressafra

Fonte de renda	Quantidades de moradores que dependem dessas fontes
Benefícios sociais do governo	15
Trabalho braçal/Bicos	14
Salário/funcionário	3
Aposentadoria	5
Vendas (comércio, frango, combustível etc.)	7
Pesca	7
Outras atividades	3

Fonte: SANTOS, G. A. S. Tabela elaborada a partir da pesquisa de campo na comunidade ribeirinha de Tentém, 2023.

Sendo assim, percebe-se a importância dos programas sociais do governo para essa população sobreviver. No período de entressafra, quando o açaí fica escasso na região a renda fica comprometida, por isso, os ribeirinhos procuram formas de ganhar dinheiro, para não depender só dos benefícios, pois é algo que não é confiável.

Dessa forma, os ribeirinhos procuram algum ramo para trabalhar, se ocupando, principalmente, em atividades braçais ou bicos, tais como: carpintaria, roçar mato, cortar palmito, calafate, serviços gerais em casas de moradores, artesanato, pesca etc. Outra alternativa, pra quem conseguiu adquirir um montante de capital, pode investir em vendas, montando uma taberna ou um pequeno ponto comercial, ou ainda, vender combustível, vender frangos, pão, madeira, peixes, produtos artesanais etc.

Porém, não quer dizer que os ribeirinhos desenvolvem essas atividades apenas no período de entressafra, essas atividades são permanentes, que faz parte do dia a dia do ribeirinho e, que já ficou marcado como algo natural no modo de vida dos ribeirinhos da localidade de Tentém.

Outra marca que está atrelado no modo de vida dos moradores de Tentém, assim como em outras comunidades vizinhas, é o costume ribeirinho de dormir em redes. Nas casas, é comum você se deparar com cordas penduradas pelas paredes que servem para atar as redes.

O povo desta localidade tem o costume, ainda, de dormir e acordar cedo, bem diferente do costume da população urbana. Por volta das 22:00 horas da noite, a maioria já estão deitados e, por volta das 5:00 da manhã, ou até mesmo mais cedo, já começa a se ouvir os primeiros movimentos de barcos e rabetas pelos rios, são os moradores, que estão indo para a vila de Juaba ou para a cidade de Cametá-PA para mais um dia de trabalho.

De manhã, quando o sol está surgindo no horizonte, já é comum encontrar alguns pescadores revistando seus matapí pela beira dos igarapés ou colocando a rede de pesca no rio. Logo mais, é hora de ir para o mato para apanhar açaí ou fazer a limpeza de seu terreno. Por essas horas, já se ver também, o carpinteiro se dirigindo pra mais um dia de trabalho na casa de algum morador, o vendedor de peixes e de pães oferecendo seus produtos de casa em casa.

Depois dos trabalhos da manhã e do almoço com a família reunida, se nota um silêncio, por essas horas, os moradores estão descansando, dando uma pequena soneca da tarde. Logo mais, por volta das 15:00 horas, o movimento novamente reaparece pelos rios de Tentém. E pela tardezinha, é comum encontrar alguns moradores reunidos com a família ou vizinhos na “cabeceira da ponte” para conversar sobre o cotidiano, apreciando uma bela paisagem.

Os moradores de Tentém, bem como outras comunidades, também tem seu tempo reservado para as atividades de lazer e diversão. Os moradores desta localidade são conhecidos

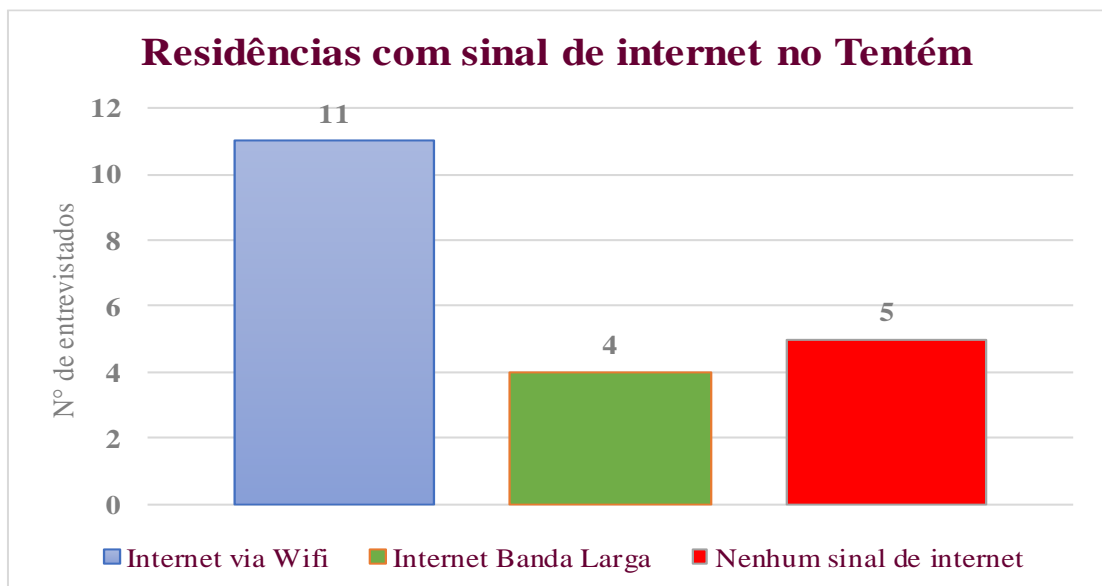
como um povo bastante alegre e festeiros, em quase todos os meses do ano é comum acontecer bailes dançantes com bandas da região, chamado no lugar de “festas”, esta, pode ser realizado em uma grande sede de shows ou também em lugares denominado “arenas de festas”

Além das festas, os moradores, principalmente os mais jovens, se divertem jogando futebol, mais conhecido como “pelada” em campos de pequenos e grandes portes ou nas praias. Na localidade de Rio Tentém, também pode-se encontrar grandes e pequenas praias, sendo essa, mais uma atividade de lazer dos moradores desse lugar. Há ainda, os bares com jogos de sinuca onde alguns moradores costuma frequentar com seus amigos. Geralmente, esses momentos de lazer acontecem a partir das 16:00 horas.

Porém, não podemos deixar de citar as inovações que chegaram no território ribeirinho, pois elas impactaram significativamente o modo de vida desse povo. A partir do advento dessas tecnologias no campo, os moradores passaram a ter tempo para se ocupar com as novidades do mundo tecnológico, sendo assim, aparelhos digitais de tv a cabo, televisão smart tv, celular e internet passaram a fazer parte da rotina dos moradores de Tentém.

Atualmente, a maior parte das residências tem acesso à internet, seja ela vinda de alguma provedora local ou por meio de banda larga de operadoras de telefonia. A internet, possibilitou a inserção de novas atividades de diversão como jogos online, entretenimento, comunicação e de relações humanas e sociais. Se antes, o ribeirinho comercializava apenas por meio de trocas, hoje em dia, ele pode comercializar não apenas com o dinheiro em espécie, mas também, por meio de pix e, até mesmo realizar compras online.

Gráfico 4 - Sinal de internet nas casas dos moradores de Tentém



Fonte: SANTOS, G. A. S. Gráfico elaborado a partir da pesquisa de campo na comunidade ribeirinha de Tentém, 2023.

De acordo com a entrevista realizada com 20 famílias dessa comunidade, identificamos 15 residências com algum tipo de acesso à internet e apenas 5 casas sem nenhum tipo de conexão. Dentre as quais tem acesso a rede de internet, na maioria das residências, a conexão se dar por meio de wifi, onde indicou 55% do caso. As duas principais provedoras de internet em Tentém distribuí internet para os moradores por meio de fibra óptica e via satélite, uma estar instalada na vila de Juaba e a outra na cidade de Cametá.

As residências que tem acesso à internet por meio de sinais de operadoras estão mais próximas da vila de Juaba, onde fica a torre distribuidoras de sinais de redes, foram 20% das pessoas entrevistadas que alegaram se conectar à internet desse modo, e 25% disseram não ter nenhuma conexão internet em sua casa.

4.2 A cultura ribeirinha na Comunidade de Tentém

A comunidade ribeirinha de Tentém tem uma cultura muito expressiva e que está enraizada no modo de vida da população, que reconhecem a localidade como uma das mais ricas em manifestações culturais e, o mais importante, se identificam com elas mantendo uma relação de afetividade. No Tentém, foi possível observar a cultura expressa por meio do Banguê, do Carnaval das águas, dos grupos de danças afro-brasileira, do grupo de teatro e da festividade do padroeiro local.

A ilha Tentém também é rica em expressões culturais e religiosas. É tradicional na localidade o carnaval das águas tais como Última Hora, Maluquinho, Atentado da Folia e o Rei da Brincadeira, que se apresentam tanto em localidades vizinhas como na cidade de Cametá no período carnavalesco. Além desses existe o grupo de banguê Remansinho, que saem nas casas para fazerem suas apresentações no primeiro dia do mês de Janeiro (tirador de ano novo) e também no dia de Reis (06 de Janeiro). Acresce-se a isto a celebração em homenagem ao padroeiro do lugar “Bom Jesus dos Navegantes” que se realiza no mês de agosto. (SILVA, 2017, p. 31).

O Banguê: o banguê sendo uma cultura popular ribeirinha do município de Cametá, é uma manifestação artística que compreende o gênero de dança e música popular da região Norte do Brasil, originado nas comunidades quilombolas logo após a abolição da escravidão. De acordo com Salles (2003, p.67), no estado do Pará a palavra “banguê” significa “engenho de açúcar”, em tempo colonial e conjunto instrumental típico e dança, espécie samba. A respeito do banguê o autor afirma:

Dançar imitando os movimentos do cotidiano era o caso do Banguê ou Bangulê uma dança do Pará. Ela surge logo após a abolição da escravatura no município de Cametá, através da chegada dos negros escravizados que haviam fugido dos engenhos de cana-de-açúcar da Ilha de Marajó. A palavra "Banguê" significa "padiola em que se conduziam cadáveres de escravos negros" e ainda "engenho de açúcar", por isso a dança também é conhecida como "dança dos engenhos". (GUERRA, p. 2, 2009).

Figura 6 - Remansinho em dia de apresentação na localidade de Tentém



Fonte: SANTOS, G. A. S. Arquivo do trabalho de campo realizado na comunidade ribeirinha de Tentém, 2023

Na comunidade de Rio Tentém, os grupos de banguê se apresentam como grupos musicais, que se reúnem todos os anos no dia 1º de janeiro e durante o dia de Reis (06 de janeiro) para festejar nas casas dos moradores de Rio Tentém e localidades vizinhas.

Existem dois grupos de banguê ativos na localidade de Rio Tentém: Remansinho de Tentém e Banguê do Nelinho. Segundo alguns moradores, antes eram três, porém, um deles encerrou suas atividades a pouco tempo.

João Tenório dos Santos é o fundador e organizador do Banguê Remansinho de Tentém, um dos grupos mais ativos e reconhecido pela população local e o único do lugar que é cadastrado na Secretaria de Cultura (SECULTD) do município de Cametá-PA. Em uma entrevista realizada com o mesmo ele conta:

“O Remansinho foi fundado no ano de 1981, eu tinha 16 anos nessa época, eu e mais alguns amigos meus nos reunimos todos e resolvemos sair nas casas dos moradores daqui do Tentém para festejar a passagem do ano novo e do dia de reis. A gente pegou alguns baldes, latas e fizemos um reco-reco de lanterna e mais meu violão e saímos

por volta da meia noite do dia 1º de janeiro num casco à remo para cantar na casa dos amigos. [...] Hoje eu sou o único que ainda está no grupo desde quando foi fundado, agora são outros que participam, mas todos os anos a gente sai para comemorar com as famílias daqui do Tentém e de outras localidades”. (**Mestre João Tenório**).

João Tenório não herdou o grupo de ninguém, foi por iniciativa própria e com incentivos dos amigos que João fundou o grupo Remansinho, porém, conta o Mestre João Tenório que já havia outros grupos de banguê, mas não na comunidade de Tentém, nesse caso, o Remansinho é considerado o primeiro banguê da localidade.

Para o idealizador dessa cultura na comunidade, o banguê se trata de uma cultura muito importante para resgatar as tradições da antiguidade e dos antepassados, é uma forma de unir a comunidade para relembrar momentos bons e, também, manifestar-se criticamente sobre aquilo que prejudica a sociedade, principalmente, os povos ribeirinhos.

Dessa forma, o Banguê Remansinho é um sinal de resistência e luta, em seu repertório de músicas poderá encontrar letras que preserva a tradição, contando as maravilhas daquele tempo e se manifesta criticamente contra as mazelas do capitalismo, a corrupção no país, os acontecimentos e as novidades da região trazidas pela modernidade.

Quando perguntamos sobre a relação do grupo com a população J.T.S diz que todos os anos o povo aguarda a sua chegada nas suas casas, e percebe que os mesmos se interessam e sempre estão dando apoio para que a cultura continue se perpetuando. Durante a entrevista foi possível notar que o grupo, atualmente, é composto a maioria pela família, mostrando que essa cultura é uma tradição que poderá passar de pai para filho. Para João Tenório e sua equipe, o banguê Remansinho é importante para a comunidade pois é uma cultura tradicional que ainda resiste diante da sociedade globalizada e moderna, segundo ele:

“é um grupo que resgata as tradições antigas dos nossos antepassados, nos dias de hoje, as pessoas estão mais interessadas em saber das músicas de bandas, de shows de cantores famosos e o banguê quase não é conhecido, por isso, o banguê Remansinho é importante, porque ainda resiste com essa cultura no lugar, mostrando sua importância histórica e antiga. (**Mestre João Tenório**).

João Tenório disse que essa cultura pode um dia se perder devido as novidades do mundo globalizado, as pessoas começam a dar valor apenas no que é novo, esquecendo as tradições do lugar, em relação a isso ele diz:

“Hoje em dia, os jovens não querem saber dessas coisas antigas, querem saber de festas, de bandas e outros tipos de músicas, cada ano que passa, essa cultura vai ficando despercebida e se continuar desse jeito um dia vai se perder e vai ficar só nas lembranças do povo. Hoje, eu e meus filhos ainda estamos levando essa cultura, mas um dia, quando eu não puder mais, vai ser eles que tem que continuar, mas vejo, que

isso vem se tornando mais difícil a cada ano que se passa” (**Mestre João Tenório**).

O Banguê Remansinho é resistente, mesmo com todas as dificuldades ainda perpetua a cultura do banguê para a população ribeirinha. Força de vontade não falta para o Mestre João e sua equipe, todos os anos, eles se organizam e gastam do próprio dinheiro para bancar as despesas, são eles que mantêm o grupo mesmo com o pouco que têm.

“Nós que mantemos esse grupo com nosso próprio dinheiro e nossa força de vontade, se for depender de recursos de cultura de governos municipais e estaduais a gente não sai, é as vezes que eles nos ajudam com uma pouca quantia de dinheiro na época do carnaval, de ano a ano, mas isso, pra gente receber é uma burocracia enorme, tem que fazer cadastro todos os anos, tem que levar um monte de documentos, e ainda, só recebemos, porque nos apresentamos como se fosse bloco em tempo de carnaval, não recebemos porque temos um banguê, não vem dinheiro pra banguê, o dinheiro que recebemos são recursos do carnaval das águas”. (**Mestre João Tenório**).

Na fala de João, percebemos que não há recursos de incentivos financeiros para a cultura do banguê, a ajuda que eles recebem de ano a ano, isso quando a gestão resolve oferecer, é proveniente dos recursos do carnaval. Para essa cultura ainda se manter viva, as gestões municipais precisam dar incentivos financeiros, ajudar nas organizações, promover eventos de culturas que elucidam as tradições mais antigas como a do banguê. A comunidade de Tentém, já faz a sua parte, recebe com carinho e hospitalidade todos os anos o grupo Remansinho para se apresentar em suas casas, oferecem gorjetas, lanches e se sintam felizes com as apresentações.

Os processos de resistência e luta pode ser observados nas letras do Grupo de Banguê Remansinho de Tentém. Abaixo, relata em uma de suas músicas criadas pelo Mestre João Tenório o acontecimento da UHR de Tucuruí, contando das lutas e das consequências causadas pela instalação da usina hidrelétrica. Algumas de suas músicas afirma:

Música: Linhão (1998)
Compositor: João Tenório

Agora sim
podemos nos conformar
O linhão da barragem
Já vem para Cametá

Isto ainda não é nada
Quero ver quando chegar
A festa vai ser bonita
É que vamos inaugurar

Os políticos que ganham
Só promete pra ganhar
Por eles nos nunca ia ver
O linhão em Cametá

Isto eu posso dizer
E temos com que provar
Que foi o grito da luta
Que foi para conquistar

E de fato negativo
 Digo com toda razão
 Os nossos representantes
 Não liga pra nossa nação
 Agora sim
 o povo se conformou
 O linhão da barragem
 Até que enfim chegou

Através de uma luta
 Do trabalhador rural
 que pediram pro governo
 O chefe da capital

Encontramos uma barra
 Para isso conseguir
 Tinha batalhão armado
 Querendo nos impedir

Mais fomos todos feliz
 Que nada aconteceu
 Com os nossos companheiros
 O governo atendeu

Isto eu posso dizer
 E temos com que provar
 Que foi o grito da luta
 Que foi para conquistar

Música: Energia elétrica (2014)
Compositor: João Tenório

Vou falar de certas pessoas
 Que ta abusando da energia
 Acende luz de noite
 E deixa acessa até de dia
 Parece que nunca viram
 Isso já é uma covardia

Ainda fica achando graça
 Da cara de quem trabalhou
 Não ajudou na limpeza

E nem no transformador
 Não contribuiu com nada
 Nem no fio que atravessou

Meu amigo eu falo muito
 Mas falo com toda razão
 A energia foi muito importante
 Pra toda a população
 Só que a maioria ficou vadio
 É noite e dia na frente da televisão

Música: Mariscador (1996)
Compositor: João Tenório

Sair de casa de casa
 marisquei a noite inteira
 Vi do bom, vi do ruim
 vi até matinta perêra
 Quem diria um dia saber
 agora vai acreditar
 Não se arranja pra comer
 Porque não tem o que pegar

Feliz daquele
 que tem em que trabalhar
 Que não se fia em malhadeira
 por que não tem o pegar

Como foi visto, a UHE de Tucuruí trouxe consequências graves para o povo ribeirinho, a exemplo da Comunidade Ribeirinha de Tentém, esses impactos foram sentidos pela população local, que se viu obrigada a se adaptar aos novos regimes de enchentes e vazantes das marés, a

conviver com o desaparecimento dos peixes, perda das fertilidades dos solos, e ainda, sentir as transformações sociocultural.

Esses impactos corroboraram para processos de mudança na produção de saberes do trabalho da pesca, partindo do pressuposto de que esses saberes são produzidos de acordo com as condições materiais dos pescadores. Sendo assim, havendo mudanças nas condições materiais de produção dos saberes do trabalho da pesca, entende-se que ocorreram, também, mudanças na identidade do pescador artesanal. (POMPEU; RODRIGUES; DAMASCENO, 2019, p. 175).

Essas mudanças, impactaram um estilo de vida que eles já estavam acostumados. Por isso, tiveram que procurar novos ramos, novas atividades, novos saberes como forma de re-existência em seu território.

Carnaval das águas: denominado de “carnaval das águas” porque se realiza sobre as águas do Rio Tocantins, os foliões se reúnem todos em cima do tordo de um barco, com vestes coloridas e máscaras artesanais que cobrem todo o rosto e dançam ao compasso das marchinhas. É o carnaval específico do ribeirinho, que reinventou essa cultura de massa para sua realidade e todos os anos no mês do carnaval reúnem-se para brincar o carnaval e alegrar a população.

Como uma dinâmica de relação social, o carnaval é uma das mais ricas manifestações da cultura brasileira. Nesta prática cultural, em cada espaço/local da nação ela se realiza com características próprias, peculiaridades locais e semelhanças que se aproximam. (TELES; BRITO, 2019, p. 97)

No Tentém existe quatro cordões ou blocos carnavalescos: Cordão Última Hora de Tentém, Bloco Rei da Brincadeira, Bloco Os Atentados da Folia e Bloco Os Maluquinhos da Folia, que se apresentam nas redondezas de Tentém e comunidades vizinhas durante o mês de carnaval.

A Amazônia paraense é uma fonte inesgotável de imagens, cores, rios e tradições culturais. Dentre essas tradições, existe uma manifestação cultural quase centenária e nomeada por seus criadores, de “Carnaval das Águas”. Manifestação cultural que é composta por aproximadamente dezessete Cordões, que ocorre durante o mês de fevereiro nos afluentes do Rio Tentém, próximo ao município de Cametá, situado no nordeste do Pará. (BRITO; D’OLIVEIRA, 2018, p.1).

O Cordão Última Hora de Tentém é o mais antigo do lugar, Eulálio Tenório dos Santos é o atual dirigente do cordão, segundo ele, o Cordão Última Hora surgiu no ano de 1934 por Cornélia Ranieri e irmão Atílio, descendentes de italianos e antigos moradores da região. O cordão Última Hora encerrou suas atividades por motivos desconhecidos em 1960 e foi reativado em 1990 pelo Mestre Vital dos santos.

“O cordão Última Hora foi fundado em fevereiro do ano de 1934 por um senhor chamado Aquiles Raniere e uma senhora chamada Cornélia Raniere. Esse Cordão surgiu no dia de uma comemoração de aniversário do filho de um amigo de Cornélia. Então eles resolveram fazer uma surpresa ao pai do aniversariante, convidaram alguns amigos, prepararam algumas máscaras em forma de barro no formato de um rosto humano, forrada com papel de jornal velho e colado com a goma de tapioca. No dia do aniversário, quando ia escurecendo, Aquiles e Cornelia, junto com mais 10 pessoas, chegaram então em um grande casco, silenciosamente pra ninguém perceber sua chegada, os homens se vestiram de mulher e as mulheres se vestiram de homem e ficaram aguardando fora da residência. Quando começou a tocar o samba de cacete eles subiram mascarados e dançando se misturando aos convidados, quando o samba de cacete terminou eles saíram sem retirar as máscaras, não revelando quem eram eles” (Mestre Vital dos Santos).

A princípio, conta Mestre Vital dos Santos, também conhecido como Vital II, que seria apenas uma surpresa, revelada apenas para quem iria participar da brincadeira, mas isso, se tornou o início do que viria a ser o Cordão Última Hora.

“Assim surgiu o cordão, que naquela época foi chamado de Príncipes dos Foliões. No ano de 1960 o cordão parou sua atividade de apresentação e não sabemos o motivo dessa paralização, foi então que eu e mais meu chara, o Mestre Vital I (Engole Cobra), resolvemos resgatar esse cordão, isso era no ano de 1990, aí passamos a chamar de Cordão Última Hora, nome que foi dado pelo Engole Cobra, que se referia ao momento que resolveram reativar o cordão nas últimas horas do carnaval, e depois de todos esses anos a gente passou a ser conhecido como Última Hora de Tentém”. (Mestre Vital dos Santos).

Figura 7 - Carnaval das águas na Ilha Tentém e o Cordão Última Hora



Fonte: SANTOS, G. A. S. Arquivo do trabalho de campo realizado em Tentém, 2023.

O Cordão Última Hora de Tentém carrega uma tradição centenária, como vimos nos relatos do presidente do cordão, o grupo também leva o nome da localidade em seu nome, indicando a identidade com o seu lugar de origem e a sua importância para a comunidade.

Para Vital dos Santos, o carnaval das águas é uma forma de o povo ribeirinho mostrar para a população de fora e da cidade como comemoramos o carnaval, mostrando que o carnaval do Brasil não é apenas o carnaval de rua, de blocos e trios elétricos e daqueles que passa na televisão, mas é também, o carnaval das águas, uma marca da cultura dos povos ribeirinhos.

“Carnaval não é só esse que passa na televisão, com desfile de escola de samba, com blocos, trios elétricos, fofós, nosso carnaval é diferente, mas é muito rico em cultura e brilho, nos apresentamos em cima de um tordo de barco para toda a comunidade ver nossa brincadeira. E, a gente não só dança, a gente conta piadas e comédias para alegrar a população, porque carnaval é isso, é uma alegria, por isso queremos fazer as pessoas sorrir. As nossas comédias a gente inventa com versos bem rimados de acordo com os acontecimentos da comunidade, então, qualquer acontecimento marcante que aconteceu na localidade pode virar uma comédia e ser contada com versos engraçadas no tempo do carnaval, e é mais isso que as pessoas gostam, elas querem saber do que o carnaval vai falar, se ele vai falar mal de alguém, de alguma coisa (risos) e etc”.
(Mestre Vital dos Santos).

O carnaval das águas também é uma manifestação cultural da localidade de Tentém bastante valorizada e apreciada pelo povo, os moradores relatam que quando chega fevereiro a população local e vizinha fica ansiosa e animada para ver as apresentações dos blocos e cordões, que ironizam a vida cotidiana dos moradores por meio de comédias e piadas alegrando e animando a todos.

Os cordões de mascarados carnavalescos de Cametá utilizam máscaras de fabricação artesanal produzidas com papel machê ou plástico industrial e fantasias feitas com retalhos de cetim multicoloridos, franjas e fitas. O grupo impressiona o público com sua vestimenta cheia de significações em suas apresentações itinerantes pelos furos do rio Tocantins. Deslocam-se em barcos regionais portando bandeiras, cabeções enormes e transformam o barco em carro alegórico e o rio em passarela. Comandados por um palhaço e pela figura do fuxiqueiro, apresentam-se nas casas que previamente os contratam. E lá, por cerca de meia hora, encenam comédias onde provocam a plateia e tecem afiadas críticas sobre a vida cotidiana, intercalando o som de marchinhas carnavalescas com esquetes “teatrais”. (BARRETO, 2014, p. 05).

Felizmente, o Cordão Última Hora vem sendo reconhecido por muitos pesquisadores e agentes culturais do município e do estado, graças aqueles que reconhecem essa cultura como importante para o município. Mas, há muito o que fazer para que essa cultura não venha se perder, caso que já aconteceu com outros grupos de carnaval da localidade que não conseguiram se reativar até o momento, é o caso do Bloco Rei da Brincadeira que já está inativo por mais de 10 anos e o Bloco os Maluquinhos da Folia, que não se apresenta há mais de 3 anos na

comunidade.

Mas uma vez podemos perceber o quanto o território identifica o modo de vida ribeirinho, o carnaval das águas é apenas mais um dos exemplos que se tem, um espetáculo que se apresenta sobre as águas dos rios que se transfigura como uma passarela e avenida para o carnaval ribeirinho. Uma marca da cultura ribeirinha que está atrelada na vida de seus moradores, que expressa a alegria de viver no seu ambiente de convívio, no seu território.

Grupo de teatro: o grupo de teatro empírico Bom Jesus é de organização religiosa da Comunidade Cristã de Tentém Bom Jesus dos Navegantes, que encenam todos os anos durante o período da Semana Santa a peça “Martírio de Cristo”. Os atores do grupo são os próprios moradores da região que, apesar, de nenhuma experiência profissional na área, apresentam de maneira graciosa ao povo por meio de sua experiência empírica.

Esses grupos de atores representam muito bem os traços do povo ribeirinho com sua simplicidade e alegria nas apresentações. O cenário é montado e ornamentado com plantas da região, carregando a imagem de um povo que se apresenta usando recursos diretos da natureza.

Infelizmente, o grupo de teatro encontra-se inativo desde o período da pandemia provocada pelo vírus da covid-19, quando ocorreram as paralizações de quaisquer eventos. O ano de 2019 foi o último ano que o grupo atuou, e desde as paralizações não se organizaram novamente. Esse intervalo de inatividade foi suficiente para que muitos jovens atuantes do grupo se espalhassem, os dirigentes desanimassem para reuni-los e os poucos materiais de produção, cenário etc irem se deteriorando com o tempo, isso dificultou ainda mais a volta da atuação.

Durante a entrevista, os coordenadores do grupo disseram que a esperança ainda não acabou em ver o grupo novamente atuando, se apresentando na comunidade de Tentém e em outras localidades vizinhas.

Grupos de dança e festa de juninas: no Tentém, quando chega o tempo das festas juninas é a vez de outros grupos culturais se apresentar para população local: o grupo de carimbó das senhoras e os grupos de quadrilha Explosão Junina, Jacinto na Roça e a quadrilha mirim das criançadas faz a alegria dos moradores e deixam a festa de São João na comunidade de Tentém mais linda e alegre.

O grupo de carimbó é formado apenas por mulheres, são senhoras e moças da localidade que apresentam a dança marajoara ao público de bom gosto, apresentado suas coreografias, alegria e simpatia ao público.

Já as “quadrilhas” como é chamado na região, é um tipo de dança que tem como referência a dança típica nordestina. Os grupos de quadrilhas no Rio Tentém fazem suas apresentações por meio de passos coreográficos que elucidam o modo de vida ribeirinho e de outras comunidades tradicionais da Amazônia, acompanhado ao som de muitas músicas de ritmo baião.

O grupo Explosão Junina é o mais antigo, é organizado pelos jovens da Pastoral da Juventude (PJ) da CC de Tentém, eles se apresentam na comunidade fazendo seu próprio evento e, também, quando recebem convites de outras localidades vizinhas.

A quadrilha Jacinto na Roça organizada pela escola não se apresenta há dois anos, antes da pandemia, também a instituição se organizava e fazia suas programações de festas juninas. Dessa forma, mês de junho em Tentém, era sinônimo de muita festa e alegria. A CC Tentém, por meio da PJ e da Infância Missionaria e mais a EMEIF Professor Jacinto Garcia organizavam os tradicionais arraiais junino. Outros proprietários de sedes também, algumas vezes, organizavam suas festas, desse modo, na época de junho, eram feitas duas ou mais festas juninas.

Nas programações dos arraiais, havia várias apresentações de danças, do carimbó das senhoras, das quadrilhas do lugar e de outras localidades vizinhas que eram convidadas para participar. Havia ainda os shows de calouros, muitas brincadeiras como quebra pote, pau de cebo, comidas típicas e etc. No arraial, crianças se divertiam soltando “foguetinhos”, os maiores jogando “bombas”.

Na véspera do dia de São João, a partir das 18:00 horas, começavam as explosões de fogos, como se fossem uma disputa de quem soltasse mais fogos, isso resultava em várias explosões ao mesmo tempo. As famílias organizam suas próprias comemorações, convidavam os vizinhos para participar e “passar fogueira”. Por volta das 22:00 horas tudo se acalmava e, a partir de meia noite, novamente começavam as explosões de fogos de artifícios. E pela madrugada, por volta das 5:00 horas, as pessoas se levantavam cedo para tomar banho de rio e tirar a “caruara”.

A caruara também fazia parte do ritual da festa de São João, e significava tirar todas as coisas ruins do corpo, tirar a má sorte, chamada no lugar de “panemice” e receber as bênçãos do santo nas águas do rio.

Infelizmente, toda essa manifestação cultural vai se perdendo a cada ano. Hoje em dia, não acontece como antes, não é a mesma alegria e diversão, os rituais, até mesmo o tradicional arraial não vêm acontecendo desde quando chegou a pandemia da covid-19.

Como podemos ver, a pandemia causou um estrago não apenas físico e mental na sociedade, mas, também cultural. A maior justificativa dada pelos participantes e organizadores

desses grupos foi devido as paralizações provocadas pela pandemia. Desde então, os grupos foram desanimando, as festinhas acabando e, hoje em dia, dia 24 de junho não é mais que apenas um feriado.

Religiosidade dos ribeirinhos de Tentém

O povo de Tentém também são bastante de fé, os moradores participam frequentemente dos encontros, das reuniões e eventos sociais em suas igrejas. “Na maioria das comunidades tem uma igreja que pode ser católica ou evangélica, e um salão para organização de eventos denominados de centro social” (SOAUZA; SOUZA; VERAS, 2019, p. 42).

A religiosidade é um dos aspectos marcantes no Tentém, sendo que a maior parte de suas/seus moradores/es são cristãos, católicos e evangélicos. Além da presença da igreja católica, na ilha há também as igrejas pentecostais Assembleia de Deus, Batista e Quadrangular. Porém, o catolicismo ainda é a religiosidade que agrega um maior número de comunitárias/os, resultado de um processo histórico de ocupação territorial, marcado pela presença dominante da igreja católica e suas muitas ordens e congregações, desde o período colonial. (PAULA, 2021, p. 54).

As igrejas promovem grandes eventos de fé e devoção no decorrer dos anos, com dinâmicas social e espiritual, seja na organização de atividades e eventos religiosas, seja em atividades recreativas de lazer, onde há interação com os moradores locais e de outras congregações vizinhas.

A religiosidade para os ribeirinhos é algo muito valioso e que se leva muito a sério, as crianças começam a ser catequizadas desde cedo, são princípios, doutrinas, crenças e regras de conduta ética e moral ensinadas aos filhos com base no Cristianismo, dessa forma, as crianças crescem com base nos ensinamentos cristãos e desenvolvam uma vida adulta em meio a religiosidade.

Festividade de Bom Jesus dos Navegantes: a festa do padroeiro local de Tentém, celebrada pela população católica do lugar, é uma festa de cunho religioso, organizado todos os anos pela Comunidade Cristã de Tentém no mês de agosto.

A festividade inicia com o círio fluvial que percorre as águas do rio Tentém, e durante nove noites é realizado a tradicional “novena” que se caracteriza a uma celebração litúrgica religiosa celebradas por comunidades vizinhas durante nove noites, em homenagem ao santo venerado pelos fiéis da localidade: “Bom Jesus dos Navegantes”.

O fim da festividade se dar por meio da missa celebrada pelo pároco da paróquia, e logo após, acontece a festa de encerramento composto de várias programações, como o leilão de

oferendas e o jogo do bingo acompanhado de músicas de bandas locais, que podem ser religiosas ou profanas.

A celebração em homenagem ao padroeiro do lugar “Bom Jesus dos Navegantes” que se realiza no mês de agosto, festa que acontece desde a década de 1970, com devoção ao padroeiro, brincadeira, com ida típica e muita festa para qualquer pessoa que goste desse momento tão esperado pela população dessa localidade e vizinhanças. (SILVA, 2017, p. 31).

Em relação a religiosidade dos povos ribeirinhos, se percebe que o catolicismo nas comunidades ribeirinhas tem uma grande influência na organização do controle do território e em questões sociais, principalmente, através das CEB's, que decidem questões política e territoriais das localidades, se tornando referência de controle e organização territorial e social. O catolicismo também está presente nas crenças e mitos, nas culturas, saberes/fazer, bem como, no modo de vida de seus moradores. Porém, nos últimos anos, as igrejas pentecostais e neopentecostais vêm ganhando espaço nas decisões sociais e, principalmente políticas no território ribeirinho.

A cultura religiosa católica das populações ribeirinhas, habitantes dos dois marajós (campos e florestas) na sua constituição histórica sofreu influências do catolicismo colonizador de matriz ibérica, da presença negra e nordestina, sem perder, contudo, aspectos de crenças míticas, lendárias, características de seu torrão de formação indígena. Dando origem as formas de religiosidade mescladas, em que elementos provindos de outras culturas aqui foram ressignificados, muitas vezes em tons satíricos ou ganhando formas grotescas, habitantes marajoaras recriaram dimensões próprias de lutar pela preservação de seus saberes, tradições, linguagens, culturas. (SARRAF, 2008, p.22).

4.3 Os saberes/fazeres dos Ribeirinhos da Comunidade de Tentém, Cametá/PA

A relação marcante homem/natureza dos moradores de Comunidade Ribeirinha de Tentém, possibilitou que esses indivíduos adquirissem ao longo dos tempos vários conhecimentos sobre os rios, as florestas, o extrativismo vegetal e animal, as plantas medicinais, as suas moradias feitas de madeira, as suas embarcações também de madeira, navegações artesanatos etc.

Os conhecimentos dos moradores de Tentém são expressos por meio de seus saberes/fazeres do dia a dia. Esses conhecimentos empíricos são adquiridos pela sua experiência de vida e que é transmitido de geração em geração por meio de narrativas orais ou nas práticas cotidianas que realizam. “Muitos desses saberes, são originários da cultura indígena e africana,

isso mostra como a cultura ribeirinha apresenta traços de culturas de outros povos em sua composição” (VIANA, 2017, p. 67).

Os saberes/fazeres dos moradores de Tentém são manifestados em várias áreas: na engenharia civil através da construção de casas, pontes, barracões e prédio escolar; na engenharia naval através da construção de embarcações (navio, lanchas, barcos, rabetas e canoas); conhecimentos agrônomo no ato de preparar seu terreno para a produção do açaí; conhecimentos pesqueiro nos vários métodos utilizados para captura de pescado e outros marisco; nas técnicas de fabricação de móveis e utensílios domésticos; no artesanato e várias outras experiências usadas no cotidiano do ribeirinho.

Os conhecimentos adquirem importância grandiosa para a sobrevivência dos povos ribeirinhos, por meio do qual, se mantêm nesse espaço e vão se adaptando conforme a transformação na natureza. Tecer um paneiro, construir uma embarcação adequada para navegação, conhecer os cursos e poços dos rios, inventar técnicas de pesca e coleta de frutos, são saberes/fazeres que fazem parte do dia a dia do ribeirinho e foram adquiridas para a necessidade de subsistência e sobrevivência.

Porém, muitos desses instrumentos e objetos, fruto do conhecimento ribeirinho já pode ser encontrados no mercado. Antes, isso não era possível, o próprio ribeirinho construía seus instrumentos de pesca, caça e coleta.

“Hoje em dia a gente não tem muito trabalho, antigamente, nós fazíamos tudo, tecia a malhadeira, a gente fazia nossos caniços, nossa piaba. Agora, a gente pode encontrar tudo isso em um mercado da cidade, por um lado isso é bom, pois facilita pra gente adquirir mais rapidamente, por outro lado não é bom, pois não praticar esses saberes pode ocorrer que a gente esqueça e nossos filhos não saberão como fazer, é assim que acaba a tradição”. (Ribeirinho M. H. B.).

A fala do ribeirinho reforça a ideia de que quando o capital entra no campo muitas coisas são transformadas, inclusive as práticas dos saberes/fazeres, porém, isso “[...] não deve ser visto como uma descaracterização da sua identidade e do seu modo de vida. Mas, reforça a nossa ideia a respeito da produção desses saberes-fazeres como um processo histórico, passível de reconstrução e redirecionamento” (VIANA, 2017, p. 69). Ou seja, mesmo que uma atividade se perca novas vão surgindo como forma de se adaptar as transformações socioespaciais.

Outra artimanha dos povos ribeirinhos que estão atrelados aos seus saberes e habilidades é a construção de barcos, rabetas, lanchas e até navios de madeira. Esse ofício de carpintaria naval foi passado de geração pra geração. Os antigos moradores de Tentém faziam muitas viagens de barco para comercializar madeira, para isso, tiveram que construir suas próprias

embarcações. Os primeiros modelos de embarcações eram grandes cascos à remo e a velas, depois, com o passar dos anos, novas técnicas foram incorporadas na construção desses cascos, surgindo novos modelos de diversos tamanhos.

Figura 8 - Rabetas atracadas em porto de morador e motor rabudo na ponte



Fonte: SANTOS, G. A. S. Arquivo do trabalho de campo realizado na comunidade ribeirinha de Tentém, 2023

Atualmente, pouco se vê algum morador usar o casco à remo, já o casco à vela foi totalmente desaparecido do lugar, ninguém mais usa, novos modelos foram adaptados para facilitar a locomoção e as marés. Assim, os ribeirinhos passaram a construir embarcações propícias à velocidade e cargas, montadas com motor (grande ou pequeno) que pode ser movido a óleo diesel ou gasolina, isso facilitou o transporte para lugares mais distantes e de difíceis acessos, graças ao conhecimento dos povos ribeirinhos, puderam inovar novos modelos que facilitaram a vida de muitos moradores.

Os ribeirinhos costumam fabricar seus próprios meios de transporte utilizando madeira local eles podem ser as canoas de grande porte algumas chegando a mais de

10 metros como de pequeno porte que recebem o nome de casco, uma canoa primitiva feita de um tronco escavado por processos manuais rudimentares, sem toldo e sem vela utilizando apenas o remo para navegar, porém estes foram adaptados pelos ribeirinhos usando motor a gasolina em que eles o chamam de “rabeta”. (SOUZA; SOUZA; VERAS, 2019, p. 43).

Tabela 3 - Relação do tipo de embarcação que cada morador de Tentém possui

Tipo de embarcações	Moradores que possuem essas embarcações	% em relação ao total de entrevistados
Casco a vela	0	0%
Casco a remo	10	50%
Rabeta ou motor rabudo	20	100%
Barco ou barca motorizados	6	30%
Rabetão motorizado	1	5%
Lancha	1	5%
Navio	0	0%

Fonte: SANTOS, G. A. S. Tabela elaborada a partir da pesquisa de campo na comunidade ribeirinha de Tentém, 2023.

Observa-se, que todos os entrevistados disseram ter pelo menos uma rabeta, também conhecido como rabudo ou “motor de popa”, esse tipo de embarcação tornou-se o principal meio de transporte dos ribeirinhos, substituindo o casco a vela, que não existe mais e, o casco a remo, que pouco se ver na localidade. Antes, esses eram os principais meios de locomoção dos ribeirinhos, que também usavam para sua atividade de pesca, todos os moradores possuíam, no mínimo um casco a remo, hoje, esse número caiu pela metade, pelo menos na entrevista com os 20 moradores do lugar pode-se perceber isso.

Além de ser um meio de transporte rápido, a rabeta facilita o embarque e desembarque dos passageiros, é mais prático e econômico. A cada ano, as embarcações mais velozes vêm ganhando preferência, o rabetão e as voadeiras, por exemplo, que mesmo não aparecendo com um número significativo na pesquisa, tem sido cada vez mais comum na localidade.

Quando um morador não sabe fazer algum tipo de embarcação ele contrata um trabalhador (carpinteiro) que faça para ele, pagando a diária ou empreita para aquele trabalhador. Hoje em dia, a exemplo da comunidade ribeirinha de Tentém, alguns moradores dedicados à carpintaria naval, montaram suas próprias instalações para a construção dessas

embarcações, equipando esses lugares com ferramentas e máquinas próprias para a fabricação. Assim, os moradores podem encomendar um serviço ou apenas ir em algumas dessas pequenas fábricas de rabeta e escolher qual embarcação vai querer comprar.

Assim como tem os que se dedicam na carpintaria naval, há os que se dedicam na carpintaria civil ou nas duas profissões. Esse também foi um saber que os ribeirinhos herdaram de seus antepassados e que vão sendo transmitido por meio de narrações orais e nas práticas para as novas gerações. A habilidade de construir casas é um conhecimento muito apreciado e valorizado nas regiões das ilhas, quem se dedica no ramo da carpintaria, seja ela naval ou civil, quase sempre estão sendo contratados pelos moradores pra realizarem seus serviços.

Assim como os ribeirinhos criaram alternativas próprias de transporte adaptados a sua realidade, também idealizaram em suas moradias, que são construídas em forma de palafitas, sustentadas por estacas para se livrar de possíveis alagamentos durante as cheias ou enchentes das marés.

Antigamente, as primeiras moradias eram construídas de pachibas ou do caule dos açazeiros, cobertos com palhas e emparedados com miriti. Com a chegada de novas técnicas e ferramentas, os ribeirinhos passaram a construir novos modelos de casas, construindo grandes casarões de madeira ou pequenas chaminés, estas, já eram cobertas com telhas de barro ou brasilit.

Hoje em dia, com as influências e avanços técnicos e informacionais, a modernidade no campo, as opções de moradias estão se alterando, a maioria dos moradores preferem construir suas casas predominantemente de alvenaria. Devido a essa transformação, novos saberes surgiram, que no passado não se praticava, mas que hoje, tem grande valor, que é o ramo da engenharia civil.

Agora, não é apenas nas cidades que se ver um pedreiro, nas comunidades ribeirinhas, como na comunidade de Tentém, já é comum encontrar trabalhadores dedicados aos trabalhos com alvenaria. São os novos saberes e habilidades adquiridas pelos ribeirinhos, fruto da transformação do espaço e do modo de vida do povo. Sendo assim, são esses novos saberes que serão transmitidos para as futuras gerações.

Portanto, assim como saberes vão desaparecendo, novos saberes e habilidades vão aparecendo, tudo isso, estar relacionado com a transformação que ocorrem no espaço geográfico. As transformações geográficas, fruto das ações do homem sobre a natureza transforma também o modo de vida e as questões sociais do povo, sendo assim, novas habilidades e trabalhos vão sendo incorporadas sobre aquele meio, que condiz om a realidade com que se vive.

Como podemos perceber “a identidade ribeirinha é uma identidade territorial por ser construída a partir de representações simbólicas e empíricas das comunidades sociais com o território” (SOUZA; SOUZA; VERAS, 2019, p. 47). É nesse espaço que os ribeirinhos criam e estabelecem um sentimento e o significado de pertencimento. O rio e as florestas são os elementos protagonistas desse laço com o território, se transformando em espaço de referência da identidade amazônica.

De acordo com Souza, Souza e Veras (2019), ver a região por meio de um olhar puro do ribeirinho, onde se analisa a diversidade cultural das populações tradicionais como algo natural e não como algo que foi construído no decorrer da história, reforça a questão da invisibilidade da identidade ribeirinha.

A identidade ribeirinha é vista como autêntica, o ribeirinho original que ainda não teve sua vida sufocada pela globalização, porém, esta autenticidade é tratada como algo isolado do processo histórico socioespacial e cultural da região, uma visão lúdica que ignora que a identidade e as diferenças são construídas por conflitos e contradições, não apenas por representações simbólicas, mas pela desigualdade e exclusão social engendrado pelo desenvolvimentismo verticalizado na Amazônia. (SOUZA; SOUZA; VERAS, 2019, p. 45).

Esse olhar sobre a identidade ribeirinha deve ser rompido, para isso, é necessário praticar um pensamento descolonial, quebrar paradigmas do pensamento eurocêntrico. “O primeiro desafio é construir um pensamento descolonial enraizado nas especificidades e singularidades da formação socioespacial brasileira” (CRUZ, 2017, p. 29). Quijano (2005) citado por Arnaud (2019) diz ser necessária uma leitura descolonizada na América latina, segundo o mesmo:

A colonialidade do poder na América Latina, em grande parte baseada na ideia de raça como categoria mental da modernidade, criou raízes tão fortes que provou ser mais duradouro e estável que o colonialismo em cuja matriz foi estabelecida entre as metrópoles e as colônias. Ou seja, a colonização estabelecida numa relação econômica e política estenderam-se para uma colonialidade estabelecida nas relações sociais, culturais e intelectuais. (QUIJANO, 2005 apud ARNAUD, 2019, p. 18).

De acordo com Arnaud (2019) não é algo fácil mudar essa forma de pensamento colonial sobre a Amazônia, mesmo porque, temos predominantemente uma literatura com visões coloniais, onde se vê e escreve a Amazônia de uma forma confusa e ignora a importância dos povos indígenas, negros, caboclos e cabanos.

Apesar da referência à Europa é perfeitamente compreensível que a leitura colonial da realidade na região foi balizada nos feitos e conquistas territoriais e que envolviam

os recursos naturais, os sujeitos têm sua aparição retratada como objeto de uso, seja como mão-de-obra, seja como receptáculo das ações da Coroa portuguesa aqui predominantemente. A ideia da colonialidade está presente na memória, na leitura e interpretação das rugosidades deixadas no espaço amazônico; assim, a literatura disponível, com raras exceções, não permite compreender o real papel e importância dos habitantes aqui presentes desde o período colonial até a fase da chegada dos Grandes Projetos Agrominerais, principalmente no Pará. (ARNAUD, 2019, p. 35).

Portanto, além de ser necessário uma revisão na literatura sobre a Amazônia é preciso mudar nossos conceitos sobre a região, termos o compromisso de assumirmos uma visão crítica da realidade, de enxergar os povos tradicionais amazônicos como agente fundamental e importante na formação e constituição da Amazônia e romper com a visão colonialista, moderna e capitalista.

A identidade ribeirinha precisa ser vista como produto de processo histórico, que foi construído e moldado ao longo do tempo, fruto de muitas lutas e re-existência, não foi algo construído de uma hora pra outra. Também, é uma identidade que estar em constante transformação, e “que ao passar dos anos seu teor é reelaborado pelas mudanças e transformações a partir de contradições e relações de poder na Amazônia, seja elas econômicas, sociais, políticas e culturais” (SOUZA; SOUZA; VERAS, 2019, p. 46).

Assim o debate sobre a identidade não irá se reduzir somente à necessidade existencial de “quem sou eu?”, mas ainda “quem eu posso me tornar?”. A constituição da identidade do ribeirinho não tem a ver só com as suas raízes. Ela é resultado de uma construção histórica e social que não pode se perder na ideia de algo que não se transforma, pois os processos de identificação e os vínculos adquiridos de pertencimento se formam tanto pelas gerações que traduzem o que é único de cada cultura através de práticas e vivências do ribeirinho, quanto pelo caminho que será percorrido por ele, o que vem a ser definido a partir de circunstâncias que mobilizam as populações para um outro norte podendo na maioria das vezes ser breve [...]. (SOUZA; SOUZA; VERAS, 2019, p. 46).

Vimos, que os povos ribeirinhos têm uma identidade, esta identidade estar entrelaçada com o seu território de vida. O território ribeirinho é o território de múltiplos saberes, culturas, tradições, mitos, crenças, simbologias etc, tudo isso, é reproduzido no seu modo de vida. É preciso que as pessoas se aprofundem em conhecer a realidade desse povo, principalmente aquelas que estão longe de viver essa realidade, só assim, elas entenderão como se manifesta a identidade desse povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando nos referimos a identidade territorial, estamos fazendo uma relação entre território, povo e cultura. Vários fatores estão por trás da formação da identidade territorial de um grupo social, e esta, é construída ao longo da história, e fica marcado na vida daqueles que a pertencem, carregando consigo a identidade do lugar onde vive e, mesmo que possa vir a morar em um outro lugar, ou mesmo, apresentar mudanças no seu modo de vida devido às ações e alterações do homem sobre o meio, continuará expressando sua identidade de origem, pois esta, fica atrelada em nossa vida, e manifestamos por meio de nossos costumes, modo de vida e nossa cultura.

A identidade territorial ribeirinha é marcante na vida daqueles que habitam esse espaço, percebe-se que há uma identificação e uma afetividade com o lugar onde vivem, manifestado no seu modo de vida, nos seus costumes, tradições, cultura e nos seus conhecimentos. Todos esses aspectos fazem parte da sua maneira de vida e gera uma construção simbólica de pertencimento ao seu território, construindo uma identidade territorial particular e diferenciada.

O rio e a floresta são os elementos principais da identidade territorial ribeirinha, pois é nesse ambiente que eles conseguem manter suas diversas relações: social, econômica, ideológica e cultural. Como exemplo disso, temos a Comunidade ribeirinha de Tentém, onde sua população depende essencialmente desses meios para garantir seu sustento, comunicação, locomoção e, claro, preservar a sua identidade e cultura.

A pesca ainda é uma atividade importante para os ribeirinhos, apesar observarmos uma queda na frequência e números de pescadores no rio e dos que dependem essencialmente dessa atividade para se manter. Hoje, os ribeirinhos estão mais interessados na produção do açaí que da própria pesca, que foi a atividade que caracterizou os ribeirinhos durante sua história. O açaí, tornou-se a principal provedora de renda para as famílias ribeirinhas, servindo para acompanhar em suas principais refeições do dia, bem como, para comercialização, que possibilita os ribeirinhos obter recursos para se manter e comprar o que necessita. As demais atividades, tais como: os bicos, trabalhos braçais, vendas etc, fruto do conhecimento e dos saberes/fazer do cidadão ribeirinho, serve para complementar a renda e garantir melhores condições de vida, juntamente com os benefícios que recebem mensalmente como o Bolsa Família e o Seguro Defeso, recebido de ano a ano 04 parcelas do salário mínimo.

De acordo com este estudo, podemos afirmar que hoje o que caracteriza os ribeirinhos é a sua atividade extrativista da coleta do açaí. A pesca, passou para uma atividade complementar, diferente do que era no passado, onde essa atividade era a principal fonte de

renda e de subsistência. O açaí, tornou-se o principal fruto, a principal atividade e a de maior rentabilidade. Os ribeirinhos se preparam para o período de safra, manejam seu mato, investem se preciso for para que mais produção possa ter a cada ano.

Dessa forma, a mata de várzea determina o território e forma a territorialidade. E é nesse espaço, cercado por rios, furos e igarapés que os ribeirinhos constroem sua história e sua identidade, envolvidas de lutas e re-existência para garantir esse espaço geográfico como seu domínio e, nele, formar sua identidade territorial.

Tal território, é fruto de lutas e re-existência dos ribeirinhos, que constrói seu território em meio as adversidades sociais, econômicas e políticas em que vivem. Sendo assim, a identidade territorial ribeirinha é construída ao longo da história, onde os protagonistas são pescadores e pescadoras, lavradores e lavradoras rurais, da gente que mora em várzea e beira de rio, nas ilhas e igarapés, moradores de palafitas, que tem costumes e tradições, culturas e um modo de vida único. Que possui um amor pelo lugar onde vive e um zelo pelos rios e florestas, marcas da identidade territorial ribeirinha.

É importante lembrar ainda, que a identidade territorial não é algo acabado e pronto, mas está sempre se moldando ao longo do tempo. Dessa forma, entendemos que a identidade territorial de um povo sempre vai estar sujeita a mudanças, devidas as alterações feitas no seu espaço de vivência, e isso, é perceptível no território ribeirinho, onde se nota que há uma mudança da maneira de vida do povo com o passar dos tempos por consequência das ações humanas no espaço geográfico.

No Tentém, por exemplo, vários moradores, principalmente os mais idosos, disseram que nos tempos de seus pais e avós o modo de vida era muito mais diferente do que se observa hoje, e citam ainda, que tal mudança se notou a partir da construção da barragem de Tucuruí. A presença do moderno e globalizado, portanto, já é visível nesse espaço, e sem dúvida, tem suas interferências no modo de vida do povo ribeirinho, por mais que essa seja de forma mais gradual.

A presença de objetos e aparatos tecnológicos que antes só se viam no meio urbano exemplificam essa nova realidade, haja vista, que na maioria das moradias dos ribeirinhos temos os televisores (smart tv), aparelhos digitais de canais de tv, wifi, aparelhos de som, telefone/celular etc. Na cozinha, bem poucas das moradias ainda possuem um fogão à lenha, pois foi substituído pelo fogão a gás ou elétrico, sem contar com vários outros eletrodomésticos e móveis que passaram a ser consumidos.

É preciso que acompanhado dessas mudanças e transformações ocorridas no espaço ribeirinho, seja vindo também, programas sociais e investimentos. Muitos direitos já foram

conquistados, mas ainda, há muitos a se conquistar. Para que essa melhora do povo ribeirinho aconteça, é necessário investimento na educação, com construção de escolas adequadas e um ensino de qualidade. Antes de tudo, é preciso investir no tripé da questão social: educação, saúde e infraestrutura, pois não basta apenas auxílios, quando esses direitos não vêm acompanhado.

É necessário ainda, ter um outro olhar sobre o povo ribeirinho, enxergá-las como sujeitos construtores da sua territorialidade e sua identidade, vê-las como parte da natureza e seus recursos e não de forma isolada. Para isso, paradigmas devem ser quebrados, dentre os quais, estão o pensamento colonial, enraizado na mente da sociedade de que na Amazônia há apenas as paisagens exuberante e belas desassociando os indivíduos dela e tornando-os como incapaz, primitivos e sem organização social.

Essa maneira devassada de olhar sobre o ribeirinho estão impregnadas numa sociedade que desconhece a identidade territorial desse grupo social e, ainda, estão prendidas num pensamento colonial, herança deixada pela cultura europeia durante a colonização do território brasileiro. Por isso, é importante que as pessoas possam conhecer a identidade territorial dos povos ribeirinhos, para desfazer-se desse pensamento hegemônico.

Este pensamento ainda persiste fortemente a respeito dos povos tradicionais da Amazônia, sendo vistos como inferiores diante de outras sociedades brasileiras que se intitulam “civilizadas”. É preciso quebrar esse paradigma histórico, para tanto, é necessário descolonizar o pensamento da sociedade brasileira, bem como, do próprio povo ribeirinho, que durante décadas foi “catequizado” a se desfazer da própria identidade.

Portanto, a descolonização é o caminho a ser percorrido, existindo, porém, várias formas de promover esse pensamento, onde neste trabalho, foi destacado a respeito da demonstração da cultura ribeirinha e, assim, buscar a valorização da identidade territorial desse povo, mostrando sua historicidade e importância na construção naquilo que é hoje um país de diversidade. Serve-lhes ainda, como aporte teórico que contribui com a literatura do pensamento descolonial.

Como forma de dar visibilidades aos povos ribeirinhos, consideramos ser importante inseri-los num contexto de mudanças históricas, sujeitos às mesmas dinâmicas que permeiam o socioeconômico e político-cultural da civilização contemporânea. Para tanto, deve-se criar mecanismo que facilitem e possibilitem a participação desse grupo social nos processos de decisão do poder, de modo crítico e consciente. São questões pouco debatidas na sociedade, porém, de fundamental importância para um cidadão ribeirinho, que busca exercer sua cidadania num país como o Brasil, que possui uma sociedade bastante diversificada.

Por fim, é preciso garantir o devido respeito à natureza e a identidade dos povos criados nesse espaço e de suas potencialidades peculiares. As ações do governo nesse espaço geográfico devem considerá-los como figura central desse processo, ajudando-lhes a se desenvolver no campo de suas possibilidades. Afinal, nenhum povo da Amazônia não pode mais ficar abandonado à beira dos caminhos, à beira das estradas, às margens dos rios, à espera das novas rotas dos projetos de desenvolvimento que não os consideram como sujeitos portadores de história.

REFERÊNCIAS

- ARNAUD, Mário Júnior de Carvalho. **As ações do Estado e dos movimentos socioterritoriais em conflitos na reserva extrativista “Verde para sempre” em Porto de Moz, estado do Pará.** 2019. 233. F. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/28364>. Acesso em 28 de dezembro de 2023.
- BARRETO, Viviane Menna. **Mapa Pictográfico Ribeira da Amazônia Paraense, uma reflexão sobre as modificações do projeto no período compreendido entre 2000 a 2011.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XIII Congresso de Ciência da Comunicação na Região Norte – Belém-PA – 01 a 03/05 de 2014. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/norte2014/resumos/R39-0482-1.pdf>. Acesso em 27 de novembro de 2023.
- BAUMAN, Zigmunt. **Identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BRASIL. Presidência da República. **Casa Civil.** Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20072010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em: 07 de dezembro de 2023.
- BRITO, R. M; D’ OLIVEIRA, R. S. **Carnaval das águas:** um breve estudo sobre a paisagem ribeirinha e a memória coletiva do Cordão Última Hora. Trabalho apresentado na 31º Reunião Brasileira de Antropologia, Brasília/DF, 09 e 12 de dez. de 2018.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo.** 1. Ed. São Paulo: FFLCH, 2007, 85p.
- CASTELLS, M. **O Poder da Identidade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- CHELOTTI, Marcelo Cervo. Reterritorialização e identidade territorial. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia/MG, v. 22, n. 1, p. 165–180, 2010.
- CRUZ, Valter do Carmo. **Pela outra margem da fronteira:** território, identidade e lutas sociais na Amazônia. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação em Geografia), Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2006.
- CRUZ, Valter do Carmo. **Rio como Espaço de Referência Identitária na Amazônia: considerações sobre a Identidade Ribeirinha.** In: XIV Encontro Nacional da ANPUR. Rio de Janeiro, RJ. 2011a.
- CRUZ, Valter do Carmo. **Lutas sociais, reconfigurações identitárias e estratégias de reapropriação social do território na Amazônia.** Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Geografia), Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2011b.
- CRUZ, V. C. Povos e Comunidades tradicionais. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Pereira; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. (Org.) **Dicionário da Educação do Campo.** 1ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Expressão Popular, 2012, v. 1, p. 594-600.

CRUZ, Valter do Carmo. Geografia e pensamento descolonial: notas sobre um diálogo necessário para a renovação do pensamento crítico. In: CRUZ, Valter do Carmo; OLIVEIRA, Denilson Araújo de. (Org). **Geografia e giro descolonial: experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamento crítico**, Ed. 1, p. 15 – 36, Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017.

DUBAR, Claude. **A crise das identidades: a interpretação de uma mutação**. Trad. Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: EdUSP, 2009.

FURTADO, Lourdes Gomes. Comunidades tradicionais: sobrevivência e Preservação Ambiental. In: Maria Ângela e Silveira Isolda Maciel (org) **A Amazônia e a Crise da Modernização**. Belém, ICSA/Goeldi, 2009.

GUERRA, Denise. Danças brasileiras de matriz africana: “Quem dança, seus males espantam!” **Revista África e Africanidades** – Ano I – n. 4 – fev. 2009 – ISSN 1983-2354 www.africaeaficanidades.com Acesso em: 06 de dezembro de 2023.

HAESBAERT, R. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Z; CORREA, R. L. (Orgs). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, R. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, Porto Alegre/RS, N° 17, 2007a.

HAESBAERT, R. Identidades Territoriais: entre a multiterritorialidade e a Reclusão Territorial (ou: do Hibridismo cultural à essencialização das identidades). In: ARAUJO; F. G. B. HAESBAERT, R. (Orgs.). **Identidades e Territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro: Access, 2007b.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais** / Stuart Hall; (Org.). Liv Sovik; Trad. Adelaine La Guardia Resende ... let all, Belo Horizonte/MG: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro -11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Quem Precisa de Identidade? In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis/RJ, Vozes, ed. 15, 2004.

IBGE – Cidades e Estados. Disponível em:

<https://www.bing.com/ck/a?!&&p=8966737e97769b18JmltdHM9MTcwMzcyMTYwMCZpZ3VpZD0wNjk0MmZiMS1jZTljLTU0OTQzM2Y2YS0zYzY4Y2YwYTY1MDMmaW5zaWQ9NTE5Mw&ptn=3&ver=2&hsh=3&fclid=06942fb1-ce9c-6494-3f6a-3c68cf0a6503&psq=ibge+cidades+cameta&u=a1aHR0cHM6Ly93d3cuaWJnZS5nb3YuYnIvY2lkYWwRlcy1lLWVzdGFkb3MvcGEvY2FtZXRhLmh0bWw&ntb=1>. Acesso em 07 de dezembro de 2023.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4ª ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início – fev. 2006.

PAULA, Paulo de Tarso Correa de. **No Remanso das águas do Tentém, navega um banguê! Banguê Remansinho de Tentém**: Um estudo decolonial sobre processos educativos de resistência(s) afroindígenas(s) na Amazônia. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2021.

POMPEU, José Carlos Vanzeler. **Saberes do trabalho e formação de identidade de pescadores artesanais no município de Cametá-Pará**. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura) - Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura, Universidade Federal do Pará, Cametá, 2017.

POMPEU, J. C. V.; RODRIGUES, D. S.; DAMASCENO, R. A. F. Trabalho, identidade e produção de saberes de pescadores artesanais no contexto da construção da usina hidrelétrica de Tucuruí-Pará – análise a partir de uma comunidade ribeirinha amazônica. **Boletim Técnico do Senac**, Rio de Janeiro-RJ, v. 45, n. 1, p. 173-186, 30 abr. 2019.

RAFFESTIN, Claude. Por uma geografia do poder. Trad. Maria Cecília França, (do original: *Pour une géographie du pouvoir*, Paris, 1980), São Paulo/SP: Editora Ática, v. 29, 1993.

RODRIGUES, Doriedson do Socorro. **Saberes sociais e luta de classes**: um estudo a partir da Colônia de Pescadores Artesanais Z-16, Cametá/Pará. Belém: [s. n.], 2012.

SALLES, Vicente. **Vocabulário Crioulo**: Contribuição do negro ao falar amazônico. Belém: IAP, 2003.

SOUZA, C. F.; SOUZA, M. J. M.; VERAS. A vida Ribeirinha amazônica: Alteridade, territorialidade e invisibilidade. **Anais dos Cursos de Pós-Graduação Lato Sensu UniEVANGÉLICA**. V. 01, n. 01, pag. 36 – 53, jan-jul 2019.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço – Técnica e tempo**. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SARRAF, Agenor Pacheco. Oralidades e letras em encontros nos “marajós” ribeirinhos e religiosos urdindo identidades culturais. **COLETÂNEAS DO NOSSO TEMPO**, 2008, Rondonópolis, p15 a 38.

SILVA, Ajax Garcia da. **O português falado em Cametá – Pará**: atitude linguística e os ideofones “teité”, e “teteé”. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras), Universidade Federal do Pará, Cametá/PA, 2017.

TELES, Jalva Farias; BRITO, Rosangela Marques de. Cordão carnavalesco “última hora”: uma tradição artística e cultural de carnaval dos ribeirinhos da Amazônia paraense. In: RODRIGUES, Manoela Afonso; ROCHA, Cleonar (org.). **Origens**. Goiânia: ANPAP: UFG, 2021. p. 96-110. ISBN 978-65-995244-0-0. Disponível em: <https://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/973>. Acesso em: 20 de novembro de 2023.

TSE – Resultados. Eleição Ordinária Geral 2022. Disponível em:
<https://resultados.tse.jus.br/oficial/app/index.html#/eleicao;e=e544/dados-de-urna/boletim-de-urna>. Acesso em 28 de dezembro de 2023.

VIANA, Lucivaldo Teles. **Identidade Territorial Ribeirinha**: Uma análise da Comunidade Pacuí de Cima, Cametá-Pará-Amazônia-Brasil. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia), Universidade Federal do Pará, Cametá/PA, 2017.

APÊNDICE A – Formulário de Pesquisa



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ
FACULDADE DE GEOGRAFIA**

TEMA: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE TERRITORIAL RIBEIRINHA: Uma análise na Comunidade Ribeirinha de Tentém, Distrito de Juaba, Cametá/PA.

DISCENTE: GÉRSIO ANDREI SILVA DOS SANTOS

ORIENTADOR: PROF. Dr. MÁRIO JÚNIOR DE CARVALHO ARNAUD

QUESTIONÁRIO A SER APLICADO A 20 FAMÍLIAS DA COMUNIDADE RIBEIRINHA DE TENTÉM

PERFIO SOCIOECONÔMICOS E CULTURAL DAS FAMÍLIAS				
Nome do responsável:				Idade:
Escolaridade do entrevistado				
<input type="checkbox"/> Analfabeto	<input type="checkbox"/> Fundamental	<input type="checkbox"/> Médio	<input type="checkbox"/> Superior	
Quantidades de filhos	<input type="checkbox"/> 1 a 2	<input type="checkbox"/> 3 a 5	<input type="checkbox"/> 6 a 8	<input type="checkbox"/> + de 10
Lugar de origem?	<input type="checkbox"/> Tentém		<input type="checkbox"/> Outra localidade	
Há quantos anos mora na localidade de Tentém?				
<input type="checkbox"/> Menos de 1 ano	<input type="checkbox"/> Entre 1 a 10 anos	<input type="checkbox"/> Entre 10 a 20 anos	<input type="checkbox"/> Mais de 20 anos	
Você sabe por que a localidade se chama Tentém?		<input type="checkbox"/> sim	<input type="checkbox"/> não	
Você pensa por algum motivo em se mudar da localidade?				
<input type="checkbox"/> Talvez no futuro	<input type="checkbox"/> Se tivesse uma oportunidade, sim	<input type="checkbox"/> Em hipótese alguma		
Por quê?				
Você se considera um ribeirinho?		<input type="checkbox"/> sim	<input type="checkbox"/> não	
O que é ser ribeirinho para você?				
Você conhece alguma manifestação cultural de Tentém?		<input type="checkbox"/> sim	<input type="checkbox"/> não	

Se sim, quais delas?		
Você se considera um pescador artesanal?	() sim	() não
Como e do que você sobrevive?		
Você acha que a construção da Usina Hidroelétrica de Tucuruí interferiu nos recursos e manutenção dos rios e das florestas? Explique.		
Você recebe algum benefício social? Qual(s)?		
Identidade com o meio de vivência		
Qual a importância do rio para você?		
Você conhece algum fato (caso, estória, mito) relacionado ao rio (boto, cobra grande, iara etc)?	() sim	() não
Se sim, qual? Alguém contou para você? Quem?		
Qual a importância da floresta de várzea para você?		
Você conhece algum fato (caso, estória, mito) relacionado a floresta (lobisomem, matinta perêra, curupira etc)?	() sim	() não
Se sim, qual? Alguém contou para você? Quem?		

Atividades/ocupações/saberes								
Você desenvolve alguma atividade de pesca?				() sim			() não	
Você é associado em alguma associação de pesca				() sim			() não	
Que instrumento você utiliza nessa atividade?								
Rede	Matapí	Paneiro	Caniço	Paredão	Pari	Espinhel	Tarrafa	Piaba
Em relação aos instrumentos utilizados na pesca?				() você mesmo faz			() compra feito	
Caso você produza os instrumentos, com quem você aprendeu fazer?								
Você percebeu ao longo dos anos mudanças em relação à pesca na localidade? Quais?								
Quando começaram a ocorrer essas mudanças?								
Como você aprendeu a pescar?								
Como você sabe os locais bons para pesca? Alguém ensinou para você? Quem?								
A pesca é a principal atividade de renda para você atualmente? Por quê?								

Você desenvolve a atividade extrativa do açaí?	() sim	() não
Qual a importância dessa atividade para você?		
Quais instrumentos você utiliza nessa atividade?		
() peconha	() gancho	() outros instrumentos
Você mesmo produz esses instrumentos?	() sim	() não
Se sim, com quem você aprendeu fazer?		
Pra quem você vende sua produção de açaí durante o ano? E pra qual delas você vende mais?		
Você acha que seu açaí é bem vendido? Por quê?		
Você mesmo faz a colheita do seu açaí ou você paga alguém?		
Além do açaí, que outros produtos você extrai da floresta?		
No período de entressafra do açaí do que você sobrevive?		
Você desenvolve outras atividades?	() sim	() não
Se sim, quais? E quais lhe traz mais renda?		

Meios de transportes						
Quais meios de transporte você possui?						
Casco a vela	Casco a remo	Rabeta (rabudo)	Barco, barca motorizado	Rabetão motorizado	Lanha	Navio
Você constrói alguns desses meios de locomoção?			() sim		() não	
Se sim, quais? E como você aprendeu fazer?						
Meios de comunicação e tecnologias						
Quais veículos de comunicação você utiliza?						
Rádio	Televisão	Telefone	Celular	Notebook ou computador	Outros meios	
Quais desses aparelhos você mais utiliza durante o dia? Por quê?						
Quais dessas formas você utiliza para se comunicar no dia a dia?						
Rede de internet	Linha de operadoras de celulares	Frequências de rádio	Cartas, telegramas, bilhetes etc	Outras formas		
A sua residência tem acesso à internet?			() sim		() não	
Quais dessas maneiras utiliza para se conectar na internet em sua residência?			() wifi		() banda larga	
Na sua opinião, o advento dos meios tecnológicos alterou o modo de vida do ribeirinho? Como e por quê?						

Sociabilidade e movimentos sociais			
Existe algum movimento social na sua comunidade, que você conheça?	() existe	() não existe	
Se sim, quais?			
Você é membro associado de algum desse movimento social?	() sim	() não	
Você sabe por que e como surgiu o movimento?			
Quais conquistas já foram alcançadas por meio dessa organização?			
Você conhece algumas bandeiras de luta do movimento social, inclusive, aquelas que já lutou pelos direitos dos ribeirinhos?			
Você participa de ações coletivas (mutirões)?	() sim	() não	
Exemplifique sua resposta anterior:			
Você conhece o acordo de pesca de Tentém?	() sim	() não	() não existe
Você ou alguém de sua família participou nas reuniões de elaboração do acordo de pesca de Tentém?			
Na sua opinião, por que o acordo de pesca de Tentém acabou?			

Você é a favor da organização de um novo acordo de pesca na comunidade de Tentém?	() sim	() não
Você ou alguém de sua família participou nas reuniões de elaboração do acordo de pesca de Tentém?		
Na sua opinião, você acha importante um acordo de pesca? Por quê?		
Em sua opinião, a comunidade de Tentém, de um modo geral, continua unida e forte nas mobilizações? Explique.		
Você tem percebido alterações no modo de vida da população da comunidade de Tentém?	() sim	() não
Quais mudanças você tem percebido?		
Você acha que sua vida melhorou nos últimos tempos? Por quê?		
Se houve, a que você atribui essa melhora?		
Você se preocupa com algo em sua localidade (em relação às mudanças que estão ocorrendo na comunidade)? Quais?		
O que você gostaria que melhorasse na localidade de Tentém?		



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ
FACULDADE DE GEOGRAFIA**

TEMA: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE TERRITORIAL RIBEIRINHA: Uma análise na Comunidade Ribeirinha de Tentém, Distrito de Juaba, Cametá/PA.

DISCENTE: GÉRSIO ANDREI SILVA DOS SANTOS

ORIENTADOR: PROF. Dr. MÁRIO JÚNIOR DE CARVALHO ARNAUD

**QUESTIONÁRIO A SER APLICADO AOS GRUPOS E MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DA
COMUNIDADE RIBEIRINHA DE TENTÉM**

Nome do grupo:	Ano de fundação:
Do que se trata essa manifestação cultural?	
Foi herdado de alguém essa cultura?	() sim
() não	
Como foi que surgiu esse grupo cultural?	
Qual a importância desse grupo para a Comunidade Ribeirinha de Tentém?	
Você acha que essa cultura, futuramente, vai continuar sua manifestação firme e forte?	

Você acha que alguém de sua família vai continuar essa manifestação? Por quê?

Vocês recebem algum recurso de fomento ou reconhecimento cultural?

Como o grupo se mantém para custear despesas e investimentos no grupo?

Vocês cobram algum valor das contrapartidas apresentadas?

Como e quando o grupo se apresenta?

Em período do ano acontece a festividade da comunidade?

Como acontece a programação da festividade?

Como surgiu a CC de Tentém


Qual a importância da CC de Tentém para a localidade?

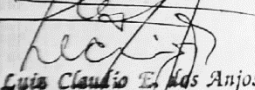
ANEXOS A – Acordo de Pesca da Comunidade Ribeirinha de Tentém

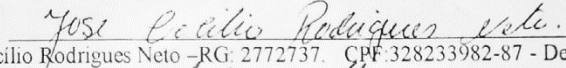
ACORDO DE PESCA DA COMUNIDADE DE TENTEM

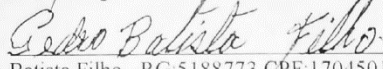
A Comunidade de Tentem está localizada no Distrito de Juaba, aonde moram cerca de 190 (cento e noventa) famílias, com aproximadamente 1200 (mil e duzentos) pessoas incluindo crianças e adultos, tendo como atividade principal a pesca, agricultura e o extrativismo. Mais como não é diferente de outras comunidades esta população sente a necessidade de buscar mecanismos para desenvolver sua localidade. E a Colônia de Pescadores Z-16 de Cametá preocupada com o futuro das populações pesqueiras deste município, dentro de parâmetros sustentáveis e abertos às parcerias com as organizações que efetivamente atuam no sentido de melhorar a qualidade de vida e construir uma sociedade mais democrática e justa, vem discutindo com sua base pesqueira várias alternativas de sustentabilidade e uma delas é fomentar a discussão dos acordos de pesca deste município, como principal medida para a proteção das espécies, uso sustentável dos rios etc. Que após várias reuniões em conjunto com a comunidade foi concordado por todos os moradores o seguinte acordo de pesca:

- Fica proibida a pesca nos seguintes locais assim descritos: Aonde tem maior profundidade: Boca do Tentem, Japiim, Tomé, Boi, Tentem Zinho e Tentem Meio.
- Ficou concordado pescar com os seguintes apetrechos de pesca: Malhadeira Malha 96 (=60mm) Para Cima, Com Até 30m (Trinta Metros) De Comprimento, Matapi, Pari Fino Para A Pesca De Camarão E Pari Grosso Para A Pesca De Camboa, Pesca Com Anzol E A Gapuia.
- Apetrechos que não ficou permitido a pesca: Malhadeira De Malha Abaixo De 96 (De 50mm Para Baixo), Tarrafa, Piraqueira De Espingarda E Zagaia, Puçá, Baque D'água Na Margem Do Rio (Na Beira), Caçada Com Cachorro No Mato, Piaba, Tirar Crustáceos (Conchas) E Pesca Ornamental (Captura De Filhos De Peixes Pequenos).
- Esse acordo de pesca tem a assinatura dos representantes da comissão, moradores, entidades e órgãos competentes.

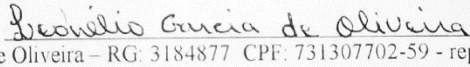

Iracy de Freitas Nunes
PRESIDENTE
RG. 1751999
CPF. 279.893.672-53

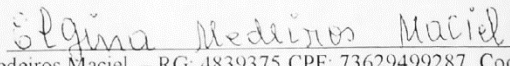

Luis Claudio E. dos Anjos
CHEFE SUBSTITUTO
IBAMA-CAMETÁ/PA

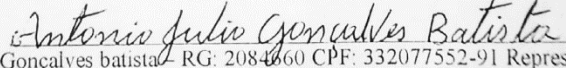

José Cecílio Rodrigues Neto - RG: 2772737. CPF: 328233982-87 - Del. Sindical

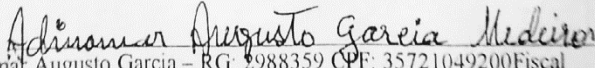

Pedro Batista Filho - RG: 5188773 CPF: 17045010249 Cöor. Da Colônia Z-16

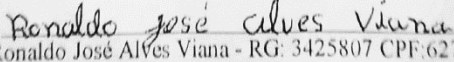

Raimundo Pinto Batista - RG: 3383590 CPF: 144966902-68 - ACS

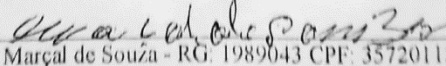

Leonélio Garcia de Oliveira - RG: 3184877 CPF: 731307702-59 - repres. Do Cons. Escolar

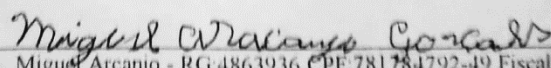

Elgina Medeiros Maciel - RG: 4839375 CPF: 73629499287 Coor. Da Comunidade


Antônio Júlio Gonçalves Batista - RG: 2084660 CPF: 332077552-91 Repres. CPA


Adinamar Augusto Garcia - RG: 2988359 CPF: 35721049200Fiscal


Ronaldo José Alves Viana - RG: 3425807 CPF: 627402612-68Fiscal


Marçal de Souza - RG: 1989043 CPF: 357201152-34 Fiscal


Miguel Arcanjo - RG: 4863936 CPF: 781784792-49 Fiscal

Cametá-PA, 31 de janeiro de 2003.
31 de janeiro de 2003.

A PARTIR DA DATA DE APROVAÇÃO DESTES, FICA PROIBIDO OS SEGUINTEIS ÍTEMS:

- I - Andar em propriedade alheia sem a permissão do dono. Se caso for flagrado será advertido mesmo que não esteja cometendo infração. E de acordo com a sua reação poderá ser chamado perante a comissão para uma advertência maior ou encaminhado à justiça.
- II - O cidadão que pegar em flagrante qualquer indivíduo cometendo furtos deve testemunhar o caso comunicando a comissão imediatamente para dar ocorrência do fato para investigação.
- III - O infrator que não aceitar um diálogo com a comissão de acordo com a gravidade do caso. A comissão tomará as devidas providências, caso seja justificado a ocorrência.
- IV - Fica proibido o envolvimento de menores de 14 anos em bebedeiras e jogos de baralho, e as pessoas adultas que forem flagradas insitando menores serão levados ao conhecimento da comissão para advertência.
- V - Fica proibido caça em propriedades alheias, principalmente portando armas de fogo.
- VI - Fica proibido quaisquer tipo de pesca predatória em propriedades alheias.
- VII - Fica proibido bebedeiras com palavrões no rio que perturbe o sossego alheio.
- VIII - Fica proibido jogar quaisquer tipo de animais que morra no rio.
- IX - Fica proibido criar animal fora da cerca, como: boi, porco, bode, carneiro e etc.
- X - Fica proibido derrubar árvores nos furos, igarapés, e nas beiras do rio que prejudique o tráfego de transportes.
- XI - Fica proibido qualquer tipo de violência de proprietários contra infratores que forem pegos em flagrantes e sim comunicar a comissão que tomará as medidas.

CONTIDAS NESSE DOCUMENTO - DEVERES:

- 1- Os proprietários de terras que tiverem problemas com seus divisários (sobre divisas) devem solicitar a coordenação ajuda na demarcação da terra.
- 2- É dever de cada cidadão em necessidade pedir permissão ao proprietário, para andar em sua propriedade justificando a mesma, no qual, esse pedido não pode ser negado desde que o proprietário da terra sinta-se convencido pela justificativa.
- 3- Em caso duvidoso o proprietário da terra deve acompanhar o exigente em caso de todo o seu percurso.
- 4- Nenhuma pessoa deve dar cobertura as irregularidade que vê, mesmo que não seja ela a vítima do caso, e muito menos temer em fazer a denúncia.
- 5- Se a coordenação comprovar cobertura de alguém, para alguém em qualquer irregularidade, a pessoa que fazer cobertura estará sob pena tanto quanto o infrator.
- 6- Está ausente da punição as pessoas que forem encontradas transitando em locais trafegáveis como: estivas, furos, igarapés, só se no caso estiverem cometendo irregularidades.
- 7- Cada assinante será um fiscalizador e terá pleno direito em denunciar a comissão com provas concretas.
- 8- É dever do país ou responsáveis de cada família comunicar aos membros da família do acordo que estão sendo firmado perante a comunidade, especialmente aos menores de 14 anos, que não tem pena sobre si.
- 9- Só aceitar denúncias por escrito, e até o acordo surgido entre qualquer razão não estiver assumido duvidosamente a sua responsabilidade. Pois em caso de qualquer acidente na presença de seus responsáveis, a comissão não terá responsabilidade.
- 10- A comissão deve manter um esquema de segurança para evitar rivalidade ou qualquer reação violenta do infrator denunciado contra o autor da denúncia.
- 11- A coordenação não será responsável em resolver problemas de pessoas que não estiverem envolvidas no acordo e organização. Mas se alguém de fora da organização cometer infração contra pessoas da organização sob, este também será chamado pela comissão para advertência.
- 12- Todos os casos cometidos e registrados na delegacia, as penalidades aos infratores será de competência da justiça.

~~Governos. Este, como as normas não estão contidas neste documento, o mesmo poderá sofrer alteração como emenda e criação de novos artigos, e que deve ser organizado pela coordenação em uma assembleia geral com pelo menos 50% das assinaturas.~~

A partir da aprovação deste documento em assembleia geral, o mesmo estará em vigor para ser cumprido todas as normas contidas em seus artigos.

ANEXO B – AUTORIZAÇÃO DO IBAMA PARA A ATUAÇÃO DE AGENTE AMBIENTAL NOS ACORDOS DE PESCA NA ILHA TENTÉM – CAMETÁ/PA



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS
RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS - IBAMA/CAMETÁ
ESCRITÓRIO REGIONAL DE CAMETÁ/PA

A U T O R I Z A Ç Ã O

O Escritório Regional do IBAMA em Cametá/PA, autoriza os senhores abaixo-relacionados para atuarem como COLABORADOR AMBIENTAL na localidade de TENTEM, no Distrito de JUABA, neste município; com a finalidade de coibir a prática de crimes ambientais, como: PESCA PREDATÓRIA e CAÇA DE ANIMAIS SILVESTRES, com o objetivo de atender o "ACORDO DE PESCA" firmado entre os moradores daquela localidade, de conformidade com a legislação ambiental a seguir:

- a) - ART. 1º - Incisos I, II, III, IV (alíneas "a,b,c"), V da Lei 7.679/88.
- b) - ART. 29 da Lei 9.605/98.
- c) - ART. 34 - § Único, incisos I, II e III da Lei 9.605/98 e ART. 35 da referida Lei.

O Colaborador Ambiental que reter qualquer utensílio e/ ou petrecho, deverá comunicar o fato imediatamente ao Chefe deste Escritório Regional, no prazo máximo de 48 (QUARENTA E OITO) horas.

A presente autorização terá a validade de 01 (UM) ano, a contar desta data.

- COLABORADORES: ADINAMAR AUGUSTO GARCIA, R.G. nº 2988359-SSP/PA, RONALDO JOSÉ ALVES VIANA, R.G. nº 3425807-SSP/PA, MARÇAL DE SOUZA, R.G. nº 1989034, e MIGUEL ARCANJO, R.G. nº 4863936.

Cametá-PA, 31 de janeiro de 2003.

[Assinatura]
 Chefe do Escritório Regional
 IBAMA - CAMETÁ/PA

